



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

LUCAS ANDRÉ ALVES COSTA

**FILOSOFIA NA CONTRAMÃO: Ensino de filosofia à luz das conferências
sobre educação de Friedrich Nietzsche.**

RECIFE / 2020

LUCAS ANDRÉ ALVES COSTA

FILOSOFIA NA CONTRAMÃO: Ensino de filosofia à luz das conferências sobre educação de Friedrich Nietzsche.

Dissertação apresentada ao Prof. Dr. Flávio Brayner pelo mestrando Lucas André Alves Costa, como exigência à obtenção do título de mestre em filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Brayner.

RECIFE / 2020

LUCAS ANDRÉ ALVES COSTA

**FILOSOFIA NA CONTRAMÃO: Ensino de filosofia à luz das conferências
sobre educação de Friedrich Nietzsche**

Dissertação apresentada ao Prof. Dr. Flávio Brayner pelo mestrando Lucas André Alves Costa, como exigência à obtenção do título de mestre em filosofia.

Banca Examinadora

**Prof. Dr. Flavio Brayner (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco.**

**Prof. Dr. Célia Costa (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco.**

**Prof. Dr. André Gustavo (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco.**

RECIFE / 2020.

EM MEMÓRIA.

Ao amigo, pai e grande incentivador João Alves Costa.

Hoje é dia de fazer memória das coisas que aprendi com esse homem tão simples.

Ele era de poucas palavras, seus gestos de carinho também não eram muitos, mas no seu jeito tímido, estava escondido o grande homem, Pai e Esposo, cuidadoso, zeloso e batalhador.

Que dia após dia batalhava para cuidar da sua família.

Meu pai...

As saudades das nossas conversas sobre trabalho, futebol e tantas outras coisas são enormes.

Mas tenho comigo fortes lembranças que me confortam na fé.

Deus me presenteou com um Pai, que me ensinou desde minha infância a ser alguém que honrasse os verdadeiros valores da vida. Por isso, posso dizer que meu Pai é meu exemplo, meu Herói.

Homem simples, mas de um coração que não cabia nele.

(Por: Jadeilson

Alves)

A Cintya Mayara, uma grande mulher, mãe e esposa, com quem compartilho amor, sonhos, momentos felizes e também difíceis da minha caminhada.

A Lucas Davi e Miguel Deodato, meus filhos, que são os frutos de um amor sem medida, a eles que sempre despertou em nós os sentimentos mais puro e verdadeiro de nossa alma.

A todos os alunos que passaram em minha vida e contribuíram para um aperfeiçoamento do professor que sou hoje.

AGRADECIMENTOS.

Ao Prof. Dr. Flávio Brayner, que nos conduziu com maestria no processo desta dissertação, que no pouco falar nos mostrou o caminho mais seguro a ser percorrido.

Ao Prof. Dr. Junot Cornélio, um exemplo de mestre, sua dedicação ao melhoramento das nossas atividades docentes e da escola pública se mostram incansáveis, uma atitude que todos devem perseguir.

Ao Prof. Dr. Roberto Markenson, que mesmo distante guardo grande admiração e respeito, um incentivador que sempre nos ajudou com seus conselhos, alguém que acreditou em nosso potencial desde do centro contemporâneo de estudos, os meus sinceros agradecimentos.

Aos amigos de viagem Eduardo e Rosemiro, com quem tive uma relação respeitosa e cordial, que foram fundamentais na minha caminhada.

Aos professores do PROF-FILO núcleo UFPE, que nos acolheram deram o melhor de si para um aperfeiçoamento de nossa humanidade.

Aos de casa, esposa e filhos, parentes e amigos, que sonham junto conosco e torcem para todos eles se realizem.

RESUMO

A presente pesquisa objetiva-se em descrever e analisar a postura filosófica de Friedrich Nietzsche acerca da educação no tocante ao seu empenho crítico e tratamento conferido ao sistema educacional alemão, intentamos com isso, demonstrar as eventuais ressonâncias desta crítica ao modelo educacional da nossa escola base. Dessa perspectiva, lançamos as justificativas nietzscheana a uma crítica à filosofia platônica do qual a modernidade é diretamente herdeira e conseqüentemente apontamos o real motivo de uma educação que tem na base de sua ação uma supervalorização ao modelo racionalista apresentado pelo discípulo de Sócrates. Por meio dessa constatação, denotamos os motivos de uma prática pedagógica que tem na experiência estética (*contato com arte*) mais uma possibilidade de abertura para o filosofar, assim sendo, a fundamentação filosófica apresentada por Nietzsche em suas conferências sobre educação torna-se o modelo pedagógico a ser seguido, pois, elucida uma compreensão sobre educação, filosofia e arte, ao passo também, que centra o homem como protagonista da própria existência. Portanto, adentraremos na análise da afirmação nietzscheana de uma educação assentada na filosofia e na arte como um ideal pedagógico.

PALAVRAS-CHAVES: Filosofia. Arte. Educação.

ABSTRACT

This research aims to describe and analyze Friedrich Nietzsche's philosophical stance on education with regard to his critical commitment and treatment given to the German educational system. . From this perspective, we launched the Nietzschean justifications for a criticism of the Platonic philosophy of which modernity is directly heir and consequently we point out the real reason for an education that has an overvaluation of the rationalist model presented by Socrates' disciple. Through this observation, we denote the reasons for a pedagogical practice that has in the aesthetic experience (contact with art) one more possibility of opening for philosophizing, thus, the philosophical foundation presented by Nietzsche in his lectures on education become the model pedagogical to be followed, therefore, elucidates an understanding of education, philosophy and art, while also, which centers man as the protagonist of his own existence. Therefore, we will go into the analysis of the Nietzschean statement of an education based on philosophy and art as a pedagogical ideal.

KEYWORDS: Philosophy. Art. Education.

SUMÁRIO.

INTRUDUÇÃO.....	10
------------------------	-----------

CAPÍTULO I – Crítica e Conhecimento na Educação: Do logos civilizatório a experiência estética como caminho filosófico.

1.1-O gênesis do logos civilizatório.....	16
1.2 - Respondendo a pergunta, por que educação estética?.....	22
1.3 - A redução do exercício filosófico.....	29
1.4 - Tornando-se aquilo que se é.....	36

CAPÍTULO II – Sobre os nossos estabelecimentos educacionais: Uma visão nietzschiana sobre filosofia e educação.

2.1- Nietzsche e filosofia.....	42
2.2- Notas sobre o ensino de filosofia no Brasil.....	50
2.3- Do fim último da educação.....	57
2.4- Nietzsche o educador.....	66

CAPÍTULO III - Vida como obra de Arte: Proposta de intervenção e ação interventiva.

3.1 - Introduzindo o tema.....	74
3.2 - Aplicação metodológica.....	76
3.3 - Analisando a intervenção.....	85
Considerações finais.....	94
Referências bibliográficas.....	100

INTRODUÇÃO.

A filosofia na sua origem se estabeleceu como um conhecimento sistemático, racional e lógico, opondo-se às narrativas míticas dos poetas homérico¹. Ela procurou com certa engenhosidade desatrela-se dessa fuligem que cobria o intelecto humano, viu como tarefa primeira dar sentido às coisas por meio do *logos*, a todo custo buscou fundamentar-se no terreno firme do tangível e mensurável². Esse período mostrou-se como um prelúdio ao que aconteceria em séculos futuros, movimento conhecidos por nós como iluminismo.

Questões transcendentais, metafísicas ou de tradições religiosas já não eram mais suficientes como leitura de compreensão dos acontecimentos. Um exemplo bem claro desse movimento racional oriundo da “mãe de todas as ciências”, foi à filosofia dos pré-socráticos, conhecidos como filósofos da (*physis*)³, para este grupo de pensadores é possível encontrar respostas para a origem do universo, do homem e da vida na própria natureza.

No entanto, é no florescer da filosofia clássica grega que se fará uma varredura das tradições homéricas, o filósofo Platão se posicionará como paladino dessa nova ordem de racionalistas ao passo também que ungiu Sócrates como arauto da civilização ocidental, em seu texto *A República* é possível identificarmos um movimento claro de excomunhão dos poetas da *Polis*, especificamente livro II e X. Platão vai inferir no pensamento ocidental o exercício da razão -*logos*- como a única forma de caminho filosófico, de busca radical aos fundamentos primeiro das coisas.

São frutos da filosofia platônica três conceitos básicos de definição da experiência filosófica: o primeiro deles é a filosofia como resultado da admiração,

¹ Para uma compreensão melhor sobre o papel dos poetas na vida dos gregos, o trabalho dos historiadores D. Reale e D. Antiseri traz luz ao tema quando diz “Antes do nascimento da filosofia, os poetas tinham importância extraordinária na educação e na formação espiritual do homem grego, muito mais do que tiveram entre outros povos” (2003, p. 11.)

² Essa visão da origem da filosofia como ruptura do mito é tida como uma leitura possível é meio a outra, que é a origem da filosofia como continuação da narrativa mítica.

³ Naturalista era o termo mais usado para designar a atividade desses filósofos, recebem este nome, pois tinha como prática buscar a origem das coisas na natureza, “Tales foi o iniciador da filosofia da *physis*, pois foi o primeiro a afirmar a existência de um princípio originário único, causa de todas as coisas que existem, sustentando que tal princípio é a água” (REALE, ANTISERI, 2003. 18).

espanto, este experimento acontece na vida dos sujeitos, em certo grau ou e em níveis diferentes todos são levados a este empreendimento de admirar-se por algo totalmente novo, em segundo a filosofia é uma teoria⁴, que dizer, conhecimento teórico, para uma compreensão melhor desse conceito, buscamos no termo grego da palavra seu significado, *theorien: theo= deus + rien = ver*, ou seja, o exercício filosófico não é um olhar qualquer, trata-se de um olhar divino sobre as coisa, a filosofia é ver como os deuses veem, dessa maneira, trata-se de um olhar profundo a raiz do objeto pensado, em terceiro a filosofia é *Eros*, ela é filha do desejo é a busca sem medida por algo que não se tem e que só cessará no encontro com objeto desejável⁵.

Se em um determinado momento da história tínhamos uma experiencial existencial aos pés da arte trágica, por tanto, filha dos mitos e neste modelo víamos a vida sendo redimida e justificada como um experimento do sensível, do contato e da percepção, deitados em notas dissonantes da música dionisíaca como antídoto ao pessimismo da natureza humana, do outro lado temos o império da razão na figura socrática como fundamento primeiro do homem teórico-científico, como fundador da nova cultura, não mais dionisíaca, Sócrates se posicionará contra o mundo da arte trágica, dos poetas da *Polis*, algo não visto na história grega.

Diante deste cenário que apresentamos Nietzsche com sua filosofia a golpes de martelo, como afirma Roberto machado: (2002, p. 7), “[...] o que interessa a Nietzsche é realizar uma crítica radical do conhecimento racional tal como existe desde Sócrates e Platão”. Ele é o filósofo contemporâneo preocupado com destino da filosofia, para ele um espírito dogmático tomou a filosofia, uma enfermidade chamada platonismo. Espulgar essa doença por meio de uma filosofia tida como “marginal”, cultivada na prática do sensível, da vida como experimentação da vivência filosófica, algo totalmente essencial.

⁴ “Este termo possui os seguintes significados principais: 1B Especulação ou vida contemplativa. Esse é o significado que o termo teve na Grécia. Nesse sentido, Aristóteles identificava T. com bem-aventurança (Et. nic, X, 8, 1178 b 25); T. opõe-se então a prática e, em geral, a qualquer atividade não desinteressada, ou seja, que não tenha a contemplação por objetivo”. (ABBAGNANO, 2007. P, 952).

⁵ Um trabalho importante e esclarecedor sobre a origem da filosofia é a obra, *Ensaio de iniciação ao filosofar*. De Marcelo Perine. No primeiro capítulo do livro o autor faz um percurso sobre os principais conceitos da filosofia antiga do qual designava a gênese da filosofia.

A preocupação de Nietzsche recai sobre nós no que diz respeito ao modelo e prática pedagógica da filosofia na escola, o homem teórico está na sala de aula, no planejamento escolar, no currículo, no livro didático e na prática educativa, como diz Larrosa: (2002, p. 20) “[...] costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática”. Nossa forma de entendimento sobre educação segundo o escritor é técnica e cientificista, assentada em valores performáticos de uma sociedade industrializada, por isso, a necessidade de novas abordagens educacionais, da qual nos permitirá o “voo do espírito”⁶.

Estamos diante de um momento histórico do qual se pensa a educação por caminhos estreitos, a modernidade se rendeu a um modelo científico-positivista, os centros educacionais estão tomados pelos especialistas e eruditos da ciência, “[...] de fato, cada vez me interessa menos as comunidades científicas, ou as comunidades de especialistas - se é que essas montagens institucionais podem ser chamada de comunidade” (LARROSA, 2014, n.p.). Larrosa se mostra insatisfeito com esse modelo institucional que aprisionou o homem numa compreensão de mundo tacanho e sem sentido, o professor da Universidade de Barcelona faz coro às inúmeras críticas feitas por Nietzsche a esse projeto de modernidade decadente.

Diante dessa exaltação do homem teórico, pré-dispomos a investigar as justificativas nietzschianas a uma crítica tão radical ao racionalismo dogmático presente na filosofia e conseqüentemente ao modo de se ensinar filosofia. Como plano dessa investigação propomos um esclarecimento da oposição nietzschiana ao modelo racionalista da era moderna por meio de uma hermenêutica em seus textos, nossa intenção é a de estabelecermos uma crítica à supervalorização da educação com fim a “razão instrumental”, tão característico da nossa cultura escolar. (fim)

⁶ Esta expressão foi cunhada pelo professor da Universidade Federal de Pernambuco Flávio Brayner, em um artigo, *“Como salvar a educação (e o sujeito) pela literatura: sobre Philippe Meirieu e Jorge Larrosa”*, (2012, p. 65), neste trabalho o referido professor apresenta uma crítica a ambos os autores, no que diz respeito a uma formação de profissionais da educação com base em obras ficcionais, essa concepção de que a obra literária é voo do espírito se dar devido os modelos pedagógicos de formação profissional terem sido tomadas pela visão instrumentalizada de um *logos* civilizatório.

Devemos firmar nossos pés no terreno do conhecimento estético, da experimentação da vida por meio da experiência-sentido, a educação como Nietzsche a concebe, assenta-se num projeto onde o indivíduo se constitua artista e a vida uma obra de arte, ou seja, trata-se de um convite para abertura, criação, recriação de si como autor da própria existência.

Com vistas ao cumprimento de tal pesquisa utilizaremos dois métodos, o hermenêutico e fenomenológico. Sobre hermenêutica, repousados numa compreensão larrosiana de que hermenêutica é mediação, portanto, evitando a visão clássica do termo de hermenêutica como interpretação- tradução.

O sentido de mediação como diz Larrosa é: (ibidem, 2012, n. p.) “[...] um estender pontes no espaço e no tempo, mas pontes de uma só direção”, a hermenêutica da mediação lança mão para um novo entendimento de que algo está em movimento, sendo conduzido, transportado, há um deslocamento do sujeito quando em contato com o livro ou com a obra de arte. Logo, a hermenêutica como metodologia tem por tarefa nos conduzir há uma experiência de sentido por meio da leitura que nos possibilitará uma abertura para o novo.

Por outro lado, o método fenomenológico tem a missão de descrever os fenômenos analisados, sua preocupação está nas vivências dos sujeitos, a fenomenologia como procedimento se contrapõe ao modelo positivista de pesquisa, que tem por base a observação controlada. Para a fenomenologia o que está em jogo é a essência da coisa avaliada, ao submetermos os alunos em atividades, cabe-nos mostrar de forma descritiva o fenômeno observado, a experiência do fenômeno ocorrido é o objeto a ser relatado em nossa pesquisa. Assim sendo, a fenomenologia é um método que fundamenta muito bem as experiências de intervenção em sala de aula.

Diante do que acima foi dito, mencionar que esta é uma pesquisa bibliográfica é verdadeiro. Portanto, serão utilizados textos, leituras e fichamentos, procedimentos próprios à pesquisa teórica de cunho hermenêutico. Tomaremos como texto base, as obras do período da juventude de Nietzsche, bem como textos de outros autores que abordam a temática de nossa pesquisa,

faremos também análise de trabalho de campo, tais como, ações, observações, anotações e descrições, característico ao método fenomenológico.

A dissertação será sistematizada em três etapas, sendo uma conclusiva. Inicialmente, por meio de análise semântica de textos de Nietzsche e outros, descreveremos o fundamento da educação, a nossa pergunta inicial se circunscreve em saber qual é à base da educação filosófica presente em nossa escola base e como deu sua construção, queremos entender em quais fundamentos são erguidos os paradigmas de nossa educação. Na segunda etapa, recorreremos às conferências de Nietzsche sobre educação, a pergunta que queremos responder é: qual seria um modelo de educação segundo a filosofia de Nietzsche? Desta feita, propomos especificar os fundamentos de uma educação estética proposta pelo filósofo, recorreremos à crítica feita por ele aos estabelecimentos educacionais da Alemanha e como essa crítica incide sobre nós.

Por fim, na terceira e última etapa, trata-se do momento prático da pesquisa, sendo assim, o momento onde procuramos lançar de meios para uma possível aplicação dos conceitos da filosofia de Nietzsche em nossa prática pedagógica e em nossa metodologia de ensino da filosofia. Nessa direção, propomos, então, um ensino de filosofia contrário ao modelo vigente em nossas escolas, que supervaloriza o racional como único caminho ao filosofar, desta maneira, recorreremos à ideia nietzschiana de um ensino de filosofia assentado na experiência estética, com a finalidade de se educar a sensibilidade é promover uma abertura para “espanto filosófico”.

Ainda como parte desta terceira etapa encontra-se o trabalho realizado com alunos em sala de aula, ou seja, o desenvolvimento do plano de intervenção. Com isto, elaboramos momentos distintos de ação, o primeiro momento: é o do (*horizonte da compreensão e fusão do horizonte*) nesta etapa que conferimos três encontros, propomos um conhecimento do “mundo da arte” por meio de quadros, imagens de esculturas, músicas e obras ficcionais, dedicamos uma atenção a arte regional, literatura de cordel e arte ceramista, a poesia de cordel e os bonecos de barros, foram utilizados como materiais didáticos, um segundo momento, é da (*consciência crítica-expositiva, pensar consigo e com o outro*),

nessa etapa foi dedicado um encontro, estabelecemos uma metodologia onde os educandos fossem os protagonistas da aula, partilhando saberes e conhecimentos advindos da poesia de cordel, formamos grupos entre eles para fomentar o debate, ver posições contrárias e colocações diversas acerca do assunto.

Por fim, o momento da *(validade e repercussão da intervenção)* faremos uma ponderação geral sobre as aulas, propomos atividades de caráter avaliativo, sugerimos exercícios fora do ambiente escolar, como visitas a museus das cidades e entrevistas com artistas locais, na intenção de que os alunos percebam a arte em outros espaços de sua convivência, prescrevemos que registrassem suas experiências quanto em contato com a arte e com artistas, e no relatando de suas impressões me entregassem um texto contando sobre os conhecimentos adquiridos desta experiência, como eles vivenciaram cada momento, e se estes momentos os ajudaram a se aproximarem da filosofia. Como parte desta última etapa, elaboramos um questionário com cinco perguntas, na intenção de um retorno por parte do alunado sobre metodologia trabalhado durante a intervenção.

1 - Crítica e Conhecimento sobre Educação: Do logos civilizatório a experiência estética como caminho filosófico.

1.1. O gênese do logos civilizatório.

A priori, apresentamos aqui de antemão um breve relato do momento que Platão faz seu discurso de rejeição ao trabalho dos poetas da *Polis*. Percorremos parte do texto *A República*, a fim de encontrar as justificativas platônicas a sua crítica aos poetas, contudo, se mostram imprescindíveis breves anotações sobre a visão platônica a respeito da arte. Na Grécia antiga não havia qualquer relação entre o Belo e Arte, “A rigor, o domínio dos **fenômenos estéticos não está circunscritos pela Arte, embora encontre nesta a sua manifestação mais adequada**. Sob este prisma, o domínio do estético abrange o da Arte”. (NUNES, 2006, p. 15), tal relação é fruto da modernidade que vai tomar a estética como disciplina filosófica que estuda a arte.

A beleza ou *Belo*⁷ como são descritos nos diálogos platônicos, não representa uma reflexão sobre objetos individuais, não se busca identificar de forma separada o que algo tem de belo e outro não. Trata-se de uma “visão de conjunto segundo o qual a beleza “em si” não é evidente ao nosso aparato perceptivo (*sentidos*), fazendo intervir uma investigação que se instala noutra patamar, mais universal e especulativo”, (BARROS, 2012, p. 27). De acordo com essa perspectiva, a beleza não é captada pelo olhar do observador, mas alcançada pela *psyché* (*alma*), se é pela alma fica evidente que a beleza é na filosofia platônica uma ideia e com tal fica restringida ao pensamento e não aos sentidos. No termo desta afirmação, identifica-se que o discurso de Platão se posiciona contra qualquer forma de conhecimento advindo da sensibilidade,

⁷ “É com a doutrina do B. como perfeição sensível que nasce a Estética. "Perfeição sensível" significa, por um lado, "representação sensível perfeita" e, por outro, "prazer que acompanha a atividade sensível". No primeiro sentido, é concebida principalmente pelos analistas alemães e, em particular, por Baumgarten (*Aesthetica*, 1750, §§ 14-18”. (ABBAGNANO, 2007, p. 106).

como é o caso da poesia, tudo que recai no campo do sensível fica assegurado como opinião (*doxa*), ou seja, cada indivíduo tem sua especulação.

Ainda sobre uma compreensão grega a respeito da arte. É importante ressaltar que havia duas definições correspondentes à temática: a primeira delas é arte como (*tékhnē*) que se constitui como meio de fazer algo, produção manual de objetos, utensílio obra de um artesão, a segunda definição é a arte como (*póiesis*) que se configura como descrição de relatos míticos no caso da Epopeia, Tragédia e Drama, onde são expressas por meio da imitação (*mimese*), pintura, escultura e música. No caso desta segunda, haverá apreciações condenatórias feitas por Platão e que lhe renderam a fama de inimigo da arte e dos poetas homéricos.

Sobre os poetas, por anos foram eles os responsáveis pela formação cultural e educacional na Grécia antiga, de acordo com especialistas, em seus trabalhos já constavam em si o “espírito grego”⁸ do qual se originou a filosofia. Pairava sobre os gregos um espírito criativo, espontâneo de louvo a vida por meio de suas tradições e festividades míticas, sob a ótica nietzschiana o homem grego marcou sua história e passagem pelo mundo, assim são lembrados.

A mais bem-sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver, os gregos-como? Precisamente eles tiveram *necessidade* da tragédia? Mais ainda- da arte? Para que – arte grega (NIETZSCHE, 2006, p.11).

O que marcou o fim deste momento belo e sem precedentes, onde foram parar os poetas? “E, de outra parte: aquilo de que a **tragédia morreu, o socratismo da moral, a dialética**, a suficiência e a sereno jovialidade do homem teórico- como?” (ibidem, 2006, p. 12). De início, este anúncio da morte dos poetas trágicos feita por Nietzsche, parece demonstrar certo duelo por um melhor

⁸ Ora, os poemas homéricos apresentam algumas peculiaridades que os diferenciam de poemas que se encontram na origem da civilização de outros povos, pois já contém algumas das características do espírito grego que resultarão essenciais para a criação da filosofia. a) Com efeito, Homero tem grande senso da harmonia, da proporção, do limite e da medida; b) não se limita a narrar uma série de fatos, mas também pesquisar suas causas e razões (ainda que em nível mítico-fantástico); c) procura de diversos modos apresentar a realidade em sua inteireza, ainda que de forma mítica (deuses e homens, céu e terra a, guerra e paz, bem e mal, alegria e dor, totalidade dos valores que regem a vida do homem). (REALE – ANTISERI, 2003, p. 7).

espaço de atuação na *Polis*, isto, devido à postura platônica há outro grupo de sábios responsáveis pela educação dos jovens na cidade, os sofistas⁹, eles também foram alvo de acusações, vistos como interesseiros e mentirosos, os seus ensinamentos desviavam os jovens do caminho da verdade, além de relativizar a moral algo totalmente essencial na formação humana.

Platão estabelece uma crítica demonstrando as limitações dos conteúdos dos poemas, o infortúnio produzido por tais profissionais resulta no afastamento da realidade, esses artistas não sabem a finalidade de suas ações, que segundo a visão platônica, são apenas simulacros de objetos aparentes. A verdadeira essência não pode ser captada pelos sentidos, apenas por meio da razão, a contemplação das coisas belas é ascendente, portanto, sua atividade é a de condução a outro patamar, ao mundo das ideias.

Como estabelecer uma cidade justa? Essa foi a pergunta a qual levou Sócrates e seus interlocutores Adimanto e Glauco a um esforço intelectual tentar responder, como demonstra o livro II da *República*. Em certo sentido, parece ser uma petulância por parte do filósofo determinar quem entra ou sai da cidade, não é de se admirar, pois, é assim que Sócrates se posiciona.

Ao que lhe observei: Ora, Adimanto, neste momento nem eu nem tu somos poetas, porém, fundadores de cidade. O que cumpre a fundadores e conhecer os modelos segundo os quais os poetas plasmaram suas concepções e não permitir que se afastem deles. A nós não compete plasmá-las. (PLATÃO, 2000, p. 125).

Fica evidente a postura ousada do mestre de Platão, ele se coloca acima dos poetas, assume a tarefa de legislador da cidade, em suas mãos estão às decisões a serem tomadas. Quem pode contra ele? Homem condutor de uma nova geração de mortais, dos mais sábios, o messias montado em seu cavalo (*razão*) pronto a salvar os gregos de sua morte. Fez da dialética sua arma de vingança e da razão uma tirana contra força do poema trágico, em *Crepúsculo*

⁹ Ainda sobre os sofistas, Evilázio Teixeira em seu livro- *A educação do homem segundo Platão*: (1999, p. 104) “O sofista não é um educador, e, sim professor. É um péssimo professor. A educação que apregoa não passa de uma *téchne* desvinculada da vida”. Portanto, a retórica ensinada pelos sofistas, tinha como fim último um interesse de enriquecimento, assim que eles eram visto por Platão.

dos ídolos diz Nietzsche: (2012, p. 4). “eu percebi Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos da dissolução grega, pseudogrego, antigrego”. Sim, eles não cultuavam sua cultura, não respeitavam suas tradições, seus antepassados, eram amantes do mundo imaginário, intangível, idólatras do conceito e fabricantes da moral.

Neste diálogo do qual Sócrates é evidenciado como “misto de pedagogo e de filósofo, que procurou definir os valores morais, as profissões, o governo e o comportamento social” (ibidem, 2015, p. 8), o tema em discussão é o da cidade justa. Entendendo como justo o equilíbrio e justiça de cada indivíduo, ou seja, cada um com sua habilidade em seu devido lugar faz da cidade uma cidade justa; sapateiro faz sapatos, pedreiro levanta casas, guerreiro defender a cidade e assim por diante. Todo trabalhador deveria desempenhar bem sua função, dedicar tempo e esforço com vista o aperfeiçoamento de seu talento e o crescimento da cidade.

Para início, Sócrates e os demais se esforçam para formar grupos de profissionais necessários a uma cidade, ambos chegam à conclusão que deve haver trabalhadores de vários tipos, no entanto, há grupos de trabalhadores que não são necessários para consolidação da cidade.

O lastro de pessoas cuja presença não é exigida por nenhuma necessidade, **como toda classe de caçadores e imitadores**, muito dos quais se ocupam com figuras e cores, muitos, também, com música: **são os poetas e seus servidores, rapsodos, atores, dançarinos**. (ibidem, p. 116).

A expressão “nenhuma necessidade”, evidencia o total desprezo dos debatedores por um grupo de profissionais do qual chamo atenção, os imitadores, não é por acaso que eles aparecem no diálogo, os imitadores eram pessoas que se dedicavam à *mimese*: poesia, escultura, pintura e a música, essas quatro atividades faziam parte da formação do homem grego, ou seja, exerciam uma função educativa, e que a todo custo deveriam ser afastados dessas atividades; esses poetas devem ser combatidos, despejados, pois, são simuladores de realidade e estão longe da verdade.

Para Platão cabe ao filósofo constituir as atividades necessárias à formação do homem grego, como cunhada nesta sua fala, “[...] que educação lhes daremos? Será difícil achar outra melhor do que a que já foi encontrada no decurso do tempo, **a saber: Ginástica para o corpo e Música para a alma**” (ibidem, 2000, p. 122). A educação é um importante fator na consolidação de uma cidade, por ela constituímos a unidade de um povo, e certamente Platão está consciente disso, por isso, manifesta uma preocupação pela formação das crianças, logo, elas não deveriam ser submetidas à arte poética, principalmente as de Homero e Hesíodo em cujas fabulas são perigosas, “[...] **os moços não tem a capacidade para decidir sobre a presença ou ausência de ideias ocultas**; as impressões recebidas nessa idade são indelévels e dificilmente erradicáveis” (ibidem, 2000, p. 125).

As objeções de Platão aos poetas seguem três linhas de argumentação: a primeira delas está figurada na ideia de que a poesia imitativa corrompe o entendimento do espectador, a não ser que este disponha de conhecimento suficiente que lhe sirva de antídoto contra essas fábulas. E de que maneira corrompem? “[...] a Poesia e a Música exercem influência muito grande sobre, **nossos estados de ânimo, e que afetam, positiva ou negativamente**, o comportamento moral dos homens” (ibidem, 2015, p. 8), a segunda objeção feita pelo discípulo de Sócrates é de que a poesia, de caráter imitativo busca reproduzir o que consta presente na natureza, produto de um Deus que a criou ou obra de um artesão que a fabricou, assim sendo, aqueles que se dedicam a pintura e escultura acaba por copiar uma realidade aparente, ou seja, trata-se de um simulacro captado pelos sentidos, dito de outra maneira, a poesia é a copia da copia.

Portanto, assim como pintor, é também o poeta trágico em sua arte de imitar, pois, reproduz realidades falseadas e estão distante da verdade três vezes como afirma Platão: (2000, p. 437). “[...] o poeta trágico, por estar, como **imitador, três graus abaixo do rei e da verdade**, o que, aliás, se dá com todos os imitadores”. Essa acusação de Platão assenta-se na ideia de que os poetas não passam a verdade, seus contos são fábulas, pois, não descrevem a essência que é eterna e imutável, suas ações em nada ajudam ao verdadeiro conhecimento, todavia, a verdade como descrita pelo fundador da academia está

resumida nas coisas que alcançamos por meio da razão (intelecto), isto é, pelo distanciamento total do mundo sensível.

A terceira objeção que vamos encontrar consiste na postura platônica de procura contabilizar quais foram os feitos e as contribuições dos poetas para *Polis* do ponto de vista pragmático.

A respeito de muitas questões, não chamaremos Homero a juízo, nem qualquer outro poeta, para perguntar, por exemplo, se algum deles foi médico, ou apenas imitador da linguagem de médico; qual cura pode se atribuída algum dos poetas antigos ou modernos, como Asclépio se conhece, ou que discípulo médico nos deixou, como fez o outro com seus descendentes. A cerca das demais artes não os interroguemos; demos-lhe tudo isso barato. Porém ao que concerne aos mais belos e importantes tema a que Homero se balança: guerra, tática militar, administração de cidades, educação do homem, temos o direito, sem dúvida nenhuma, de procura-lo para dizer-lhe: meu caro Homero, se no que respeita a virtude, não te encontras, realmente, três graus afastado da verdade e não passas de um mero criador de imagens, (ibidem, 2000, p. 439).

Para conclusão dessa objeção, segundo a ótica platônica, a arte imitativa produz produtos inferiores para alma, sua atividade versa na alma irascível ela dá vazão ao sentimento e a impetuosidade arruinando assim o elemento racional da alma, permitir a atuação dos poetas seria algo desastroso para cidade como vemos nesta afirmação de Platão: (2000, p. 449) “[...] seria exatamente o caso de entregar todo o poder e o próprio burgo nas mãos dos cidadãos perversos, e de matar as pessoas de valor: do mesmo modo dizemos do **poeta imitador que ele implanta na alma de cada indivíduo uma constituição**”.

Platão está convencido de que sua crítica aos poetas é um bem à cidade ao demarcar os limites de atuação desses personagens e entregar nas mãos dos filósofos projeto educativo da *Polis*. Ainda sobre sua proposta educativa, Platão vai atribuí-la a dois momentos importantes, o primeiro deles é a educação do corpo, com vista a fortalecer a estrutura corpórea, todos os jovens devem se submeter atividades físicas do qual a ginástica é o mais importante, a segunda é a educação da alma, que se dará por meio da música, mas, não a música dos poetas que são declamadas em suas apresentações teatrais, e sim aquela que

é produzida pela harpa e outros instrumentos, contendo em si a harmonia, proporção e equilíbrio.

Mas, por que essa separação? Para o mestre da academia o homem não é apenas constituído de corpo, mais também de alma, e dentro desta dicotomia a alma terá uma importância maior na filosofia platônica, pois é sabido que esta alma pode ser aperfeiçoada, esse processo de aperfeiçoamento faz parte de uma educação com vista à formação do dirigente político. Platão quer o filósofo como a autoridade maior na cidade, é ele quem deve determinar o andamento da sociedade, pois, é o único dotado das mais altas virtudes incluindo a verdade como uma delas.

Portanto, é com esse discurso de estabelecimento da verdade que Platão expulsa os poetas com suas ricas tradições, que serviam de impulso ao encantamento da vida. A razão é adornada e louvada como a única possibilidade de caminho ao saber verdadeiro, isto é, só podemos ser filósofos ao modelo platônico quando nos abraçamos com a razão, deixando de lado a experiência que a vida nos trás por meio da sensibilidade e experiência. (fim)

1.2. Respondendo a pergunta, por que uma educação estética?

No tópico anterior nosso objetivo foi apresentar o *logos* platônico e a maneira pela qual se tornou hegemônico no pensamento ocidental, estabelecendo, assim, uma influência na tradição filosófica. Procuramos evidenciar a partir de Sócrates e seu discípulo Platão a varredura feita por eles a uma tradição poética que por anos fundamentou o modo de pensar grego; vimos o esforço destes filósofos de fundar uma “nova ordem”, ou teoria que pudesse servir de caminho a uma nova experiência de vida e conhecimento.

Como nossa tarefa consiste em ir à direção contrária do que foi pensando por Platão, temos então, a missão de demonstrar que a experiência estética configura-se como um desabrocha filosófico e que outrora foi esquecida e apagada, propomos então fazer uma apologia do conhecimento estético, pois, julgamos como algo importante e necessário a uma prática educativa. Assim sendo, procuramos responder a pergunta, “por que uma educação estética”?

A pergunta em questão nos leva a um esforço intelectual imenso, a estética como disciplina filosófica recebe vários contornos ao longo do tempo; em um primeiro momento tinha-se a estética como um deleite do espírito, deleite este que está sob o domínio da sensibilidade, percepção e imaginação. Veja que, por esta definição não é pela razão e nem satisfação física que se dar o *belo*, e sim por meio de uma relação entre sentidos e emoções, em um segundo momento alocou-se a experiência estética ao campo subjetivo, ou seja, o sujeito sente e julga o *belo* na obra de arte, em outro momento situa-se a estética ao campo objetivo do qual se afirma que os objetos nos condicionam e provocam em nós os julgamentos e sentimentos, conclui-se assim, que “[...] **a estética é tanto filosofia do belo como filosofia da arte**” (ibidem, 2015, p. 15).

Evidencia-se também que a problemática desta questão, tem como pano de fundo a pergunta sobre a finalidade da estética, isto é, sobre sua essência, sua teleologia¹⁰, contudo, ao perguntamos sobre a essência da arte a personagens diversos da tradição filosófica, teremos uma gama de reflexões e explicações sobre a mesma, no entanto, ficaremos com as falas dos filósofos do período clássico da filosofia grega, por exemplo: para Sócrates a finalidade da arte é de provocar em nós efeitos psicológicos em relação aos valores morais, “[...] no belo estético há, pois, uma antecipação das **qualidades morais que o homem deverá possuir expressar em seus atos**” (ibidem, p. 18), conclui-se também, que a finalidade da arte é de acalmar as paixões da alma predispondo-as a virtude.

Ainda no contexto de exploração do tema, ao buscarmos uma resposta em Aristóteles sobre o desígnio da arte, temos então a seguinte afirmação, arte é imitar, “[...] **ao homem é natural imitar desde a infância** e nisso difere ele dos outros seres por ser capaz da imitação e por aprender” (ARISTÓTELES, 1999, p. 40), e o que se imita? “[...] o poeta é um imitador, como o pintor e qualquer artista. E imita-se necessariamente por um dos três modos: as coisas, **tal como eram ou como são; tal como os outros dizem que são, ou que parecem; tal como deveria ser**” (ibidem, 1999, p. 70).

¹⁰ (in. Teleology, fr. Téléologie; ai. Teleologia: it(. Teleologia). Este termo foi criado por Wolff para indicar "a parte da filosofia natural que explica os fins das coisas" (I.og., 1728, Disc. prael., § 85). O mesmo que finalismo (v.).

Aristóteles designa o poeta como sendo mais filósofo do que o historiador, quando o segundo narra os fatos assim como eles foram, o primeiro descreve como deveriam ter ocorrido, caracterizando, assim, a poesia como uma atividade reflexiva sobre os atos humanos, algo muito próprio da filosofia. Em outra compreensão sobre a arte imitativa, o poeta imita a natureza em sua perfeição, o cosmo é obra de uma inteligência divina, portanto, constitui-se a atividade artística como prolongamento do ato divino, promovendo a celeridade artística a um patamar contemplativo.

Dada essa breve exposição sobre a finalidade da estética, objetivamos agora responder a pergunta inicial por meio de autores mais contemporâneos que estabeleceram importantes reflexões sobre o papel de uma experiência estética em confronto a uma civilização instrumentalizada pelo *logos*.

De início, figura-se o esforço intelectual do francês Jacques Rancière, em seu livro *A partilha do sensível*, que procurou mostrar o papel das práticas estéticas como um “*distribuir, partir em pedaços*”, ou seja, partilhar o *comum* a todos, isto significa em certo sentido a possibilidade de uma comunidade partilhar experiências por meio da arte, assim sendo, as “[...] práticas estéticas, no sentido em que entendemos, isto é, como formas de visibilidade das **práticas da arte, do lugar que ocupam, do que fazem no que diz respeito ao comum**” (RANCIÈRE, 2009, p. 17), a reflexão feita pelo filósofo francês, coloca a prática estética no jogo público de ocupação de espaço e distribuição de lugares e de falas.

Essa ocupação da estética se torna imprescindível, pois, o que está em discussão é a sua volta a uma posição que outrora lhe pertencia, quando Rancière lança mão de sua reflexão sobre a prática estética, o escritor vai nos lembrar da visão estigmatizada do platonismo sobre o teatro e seu lugar de exibição pública, cabe aqui destacar que a arte estabelecia formas de existências e de efetividades ao público por meio da palavra falada em peças teatrais; contudo, a reviravolta acontece quando, o platonismo percebe que a escrita tem o mesmo alcance, como destaca Rancière: (2009, p.17) “[...] o mesmo ocorre com a escrita: circulando por toda parte, sem saber a quem deve ou não falar, **a escrita destrói todo fundamento legítimo da circulação da palavra**”. A

denúncia feita por Rancière mostra como a fala foi tomada pela escrita e fazendo-a perder força de atuação no espaço público.

A estética não só é importante por que está reocupando espaços, mas, por sua força de inserção de sujeitos a uma comunidade, por meio da arte nos tornamos agentes de uma experiência igualitária, de repartição do comum, somos atores, dançarinos, poetas na construção do comum na sociedade, estamos em cena, jogamos o jogo. A prática estética descrita pelo escritor francês nos retira do isolamento do nosso mundo mesquinho, de nossa mente individualista, nos coloca de frente com o eu e o outro.

O mundo a nossa volta está fundamentado em relações de troca e venda, de comercialização da ação humana, o que se tem no horizonte é o progresso da humanidade por meio da industrialização de sua força de trabalho. Para Rancière fomos tomados pela noção de modernidade, em nome da sociedade das luzes, o estético foi capturado, se pudesse haver qualquer tipo de suspiro da vida por meio da arte ela foi saqueada.

Quando os arautos dessa modernidade viram os lugares onde se exibia este bem comportado destino da modernidade invadido por toda espécie de objetos, máquinas e dispositivos não identificados, começaram a denunciar a tradição do novo, uma vontade de inovação que reduziria a modernidade artística ao vazio de sua autoprocamação (ibidem, 2009, p. 35).

O novo seria o grito de socorro da humanidade por meio da experiência estética, a modernidade na compreensão de Rancière é *anti-mimética*, opõe-se às formas de existência através do sensível, por isso, a necessidade “[...] da **arte e sua identificação a um momento no processo de auto formação da vida**” (ibidem, 2009, p. 38), ou seja, é com e através da prática estética que afirmamos a vida, damos sentido à nossa existência, habitamos o mundo do humano.

É esse modo específico de habitação do mundo sensível que deve ser desenvolvida pela educação estética para formar homens capazes de viver numa comunidade política livre. Sobre essa base construiu-se a ideia da modernidade como tempo dedicada realização sensível de uma humanidade ainda latente do homem. (ibidem, 2009, p.39).

A condição mais preocupante da qual nos encontramos é aquela que não sabemos mais quem somos. De acordo com Rancière a modernidade tirou de nós qualquer relação de aproximação com o passado, à perda da nossa memória configura-se o esquecimento de nossa existência e trajetória percorrida, contudo, o regime estético como descrito pelo professor da Universidade de Paris, coloca em cena o passado, faz ressurgir nossa identidade, essa relação com antigo exerce em nós uma força de pertencimento ao mundo. No entanto, não é nossa proposta fazer do passado nossa morada, essa atividade de ruminar outras épocas não é papel do artista, entretanto, não ter essa relação com as forças que nós conduzi-o até aqui é negar a nós mesmo.

Sabe-se que é da capacidade do poeta sua ação imaginativa, ficcional, uma maneira de fuga dessa sociedade mercantil, “[...] o real precisa ser ficcionado para ser pensado” (ibidem, 2009, p. 59), dito de outro modo precisamos mais de literatura e menos de história, mais de *Homero*¹¹ e menos de *Heródoto*¹², Rancière vai dar coro às palavras de Aristóteles na *Poética*, que afirma a superioridade do poeta em relação ao historiador no que diz respeito à maneira de narrar os fatos, o primeiro tem a capacidade de definir modelos de ação, a arte faz efeito no real, propondo caminhos de criação estética da vida.

Ainda no ensejo desta discussão sobre a importância da estética, tomemos como ponto de reflexão as críticas de Larrosa em sua obra, *Linguagem e educação depois de babel*. Se em Rancière tínhamos uma sociedade capturada pelo processo de modernização por meio das luzes, com Larrosa temos as nossas instituições de formação docente e a prática pedagógica reféns do *logos* civilizatório, para o professor da Universidade de Barcelona o meio acadêmico tornou-se inábil para o pensamento, ele se encontra repletos de especialista com seus manuais prontos e acabados, como descrito nesta fala do Larrosa: (2008, n.p).

¹¹ Foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

¹² Historiador grego, continuador de Hecateu de Mileto, nascido no século V a.C (485 – a.C 425 – a.C).

Parecem-me terríveis esses livros, tão comum em pedagogia e, sobretudo, em filosofia da educação, que te dão a biblioteca lida para que seja necessário que tu percorras por ti mesmo. Ou todos esses livros de professores (no mal sentido da palavra) que te dão a biblioteca classifica em escolas, enfoque, em ismos. Todos os livros, em resumo, que te dizem o que a biblioteca pensa ou que a biblioteca diz para que tu te acomodes no já pensado ou no já dito.

O lugar que outrora era de criação, motivação e despertar do pensamento para o conhecimento, tornou-se o lugar do não pensar. Compete-nos atualmente o esforço para deixarmos de sermos reféns desse modo de pensar a nossa ação educativa imposta pelos os especialistas de bibliotecas já lidas; conforme Larrosa se faz necessário determinar uma pedagogia contra pedagogia, uma filosofia contra a filosofia, uma prática contra os modos de ler, ver, escrever e sentir a educação e a nossa vida.

No horizonte da proposta larrosiana encontraremos a literatura, obra ficcional, fruto da experiência estética e da percepção e imaginação artística, a obra ficcional vai desempenhar um papel fundamental, com vias de “salvar-nos” deste modelo técnico-científico do qual se encontra os programas de formação docente.

Três teses são levantadas por Larrosa como justificativas para adotarmos a obra de ficção em nossas práticas: a primeira delas é que “[...] a literatura como experiência de linguagem pode **servir para fomentar o que chamarei de atitude filológica**” (ibidem, n.p), como linguagem filológica, significa que ela não se sujeitará aos modos triviais do discurso pedagógico, nem as padronizações da normatividade da ciência-tecnicista dos cursos de pedagogia, por via de regra sua atuação e articulação se encontra fora das mãos dos especialistas de plantão, em segundo lugar, é que “[...] a literatura como experiência do pensamento pode servir para promover o que chamarei de **“atitude filosófica”, quer dizer, para lutar contra a estupidez**” (ibidem, n.p), a estupidez é fruto de pensamentos mesquinhos e imbecis, de apequenamento da existência, da não percepção da vida por novos caminhos de experiências, da falta de sensibilidade da condição dos sujeitos no mundo.

Em terceiro lugar, “[...] a literatura pode servir e exercitar o que chamarei de uma “atitude vital”, quer dizer, para lutar contra esse **empequenecimento da vida que observamos** em consequência onde reina essa linguagem da informação” (ibidem, n, p.), a esse respeito, segundo Larrosa a ficção é uma “arma pedagógica” contra os grilhões que nos prende aos espaços acadêmicos e sua forma enrijecida de pensar a educação. O que encontramos dentro desses espaços são um amontoado de informações sem nenhuma ligação direta com o mundo da vida.

A contribuição de Larrosa está presente no modo como o escritor apresenta as limitações da nossa formação, ao estarmos cobertos por nuvens escuras de discursos sem sentidos, não há circulação livre do pensar, novas ideias, novas formas de sentir e ver a vida, por isso, sua defesa da experiência estética por meio da obra ficcional. Nas palavras de Larrosa filosofia e literatura se relacionam na maneira em que cada uma se coloca como instrumentos de pensamento e de escrita. No entanto, não se trata apenas de pensar, mas sim, pensar de outro modo, escrever de outro modo, um exercício como consequência da experimentação da grandeza de almas que não se deixam aprisionar.

Assim como o poeta estar mais próximo da filosofia do que o historiador, vemos em Larrosa que a literatura como experiência de linguagem é fonte de novas ideias, novas formas experimentação da vida, e que por meio delas criamos realidades como os artistas criam no momento de suas atuações, a relação com a literatura é uma experiência de linguagem, dito de outro modo, é como nos relacionamos com a educação por meio de linguagem e pensamento, contudo, não queremos tomar a literatura como uma serva da filosofia ou da pedagogia.

Não se trata somente de como a literatura serve as nossas ideias, da utilidade ou do uso da literatura para nossas ideias, mas se trata, sobretudo, do que é que a literatura pode fazer as nossas ideias, do que é que acontece a nossas ideias quando fazemos essas experiências de linguagem e pensamento que chamei de literatura (ibidem, n, p.).

Trata-se de pensar com a literatura o mundo que nos cercam os problemas que se apresentam e os desafiam da prática educativa do nosso cotidiano, trata-se, sobretudo, da experimentação da vida por meio da estética, de fugir da sociedade da ciência positivista que contabiliza a educação em número e não em experiência. Trata-se de olhar com os olhos dos sentidos e sentimentos, com a canção do compositor, com a dança do bailarino, poema do poeta e com as pinturas do pintor, por meio da estética que reescrevemos o texto, interpretamos a vida, abraçamos o mundo como uma criação de um espírito livre.

O esforço larrosiano configura-se na fuga de uma educação abarcada no modelo de compreensão de conteúdos, de cunho performático visando atender as demandas de uma sociedade industrializada, isto é, saber se o aluno compreendeu o conteúdo, e se essa compreensão é evidenciada numa avaliação, “[...] e para isso, o modelo de compreensão é perfeito. Do que se trata **é de saber se o aluno compreendeu o que tem que compreender**” (ibidem, n, p.). Como alternativa contrária, sugere uma educação fundamentada na experiência e como o aluno vivencia esta experiência, o que lhe acrescentou enquanto sujeito de vivência. Mas por que as instituições propõe um modelo de educação com vista à compreensão de conteúdos? Para Larrosa têm haver com uma visão técnica da educação, assumimos os modelos de fabricação de massa na educação, não vemos mais os sujeito da educação mais os sistemas que estamos inseridos para reproduzi-los centenas de vezes mais.

Para concluirmos, Rancière e Larrosa advogam a favor de uma educação estética, por entender a necessidade de “salvação” tanto do homem como da educação, ambos foram capturados pela sociedade civilizada, e a razão instrumental; por entender que há uma necessidade de construir novas vias de interações entre pessoas, por entender que há uma necessidade de partilhar, compartilhar experiências entre pessoas em contato com o mundo da arte, por entender que o artista deve entrar em cena novamente, que o poeta tem que declamar a vida em seu poema e o pintor em seus quadros e paredes. (fim)

1.3. A redução do exercício filosófico.

No tópico anterior, recorremos em apresentar as justificativas a uma defesa da experiência estética contra um *logos* civilizatório, propusemos responder uma pergunta fundamental, por que uma educação estética? Servimo-nos de dois autores que embasaram nossa reflexão nessa direção, vimos que o pensamento moderno de acordo com Larrosa e Rancière foi capturado por um razão tecnicista de uma sociedade tomada pela razão instrumental, não permitindo espaço para uma experiência dos sentidos.

Conduto, a pergunta, por que uma educação estética continua a ser respondida, só que dessa vez por meio do pensamento filosófico de Friedrich Nietzsche expressado em sua obra, *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, lançamos mão para o entendimento das reais justificativas nietzschianas a esta sociedade do conhecimento contraproducente e sem vida.

Como se configurou a redução do exercício filosófico para Nietzsche? Essa é nossa pergunta central neste capítulo. Assim sendo, pensamentos e reflexões diversos serão utilizados em defesa de uma educação estética contra o ensino de uma filosofia estéril, nossa proposta é estabelecer um horizonte de compreensão sobre o papel da arte para uma iniciação filosófica que tenha como pano de fundo a vida assim como ela se situa no mundo imanente.

Para não fugirmos do nosso tema, cabe aqui uma breve explicação sobre nossa proposta de uma educação estética. Não defendemos a todo custo que arte é propedêutica a filosofia, ou seja, que só é possível filósofa apenas por meio da experiência estética; a razão também tem sua importância e contribuição em tal empreendimento, também não comungamos da ideia de que a arte deve ser uma serva da filosofia, assim como no período da idade média a razão foi submetida à fé. Nossa defesa é que a arte ocupe um lugar que antes já era seu e que foi tomado pelo discurso racional da filosofia, portanto, somos favoráveis a outras experiências que permitam um desabrochar filosófico em nossos jovens, não queremos fazer uma crítica a reducionismo do exercício filosófico propondo outro, queremos abrir mais possibilidade e novas experiências para o ensino da filosofia.

Pois bem, dadas às justificativas vamos à visão nietzschiana acerca do assunto. Em sua obra já citada acima, no prefácio Nietzsche mostra sua insatisfação com um tipo de saber que não acrescenta em nada, parafraseando outro pensador, Goethe, diz Nietzsche: (2017, p. 29) “[...] odeio aquilo que apenas me instrui, **sem aumentar ou estimular diretamente minha ação**”, a crítica estabelecida por Nietzsche tem endereço certo, tratar-se de um grupo de intelectuais e eruditos, burocratas do saber, bajuladores de uma pretensa ciência que não tem relação alguma com a vida e nem uma ação concreta na vivência dos homens, logo de início, identificamos a primeira justificativa dada por Nietzsche contra essa sociedade cientificista, ela está cheia de conhecimento que apenas instrui e indica, e que não nos motivam a nada e nem para nada, que nos tornou sujeitos deficientes, sem capacidade locomotora e cognitiva diante de um mundo com potencial a elevação da humanidade por meio da atuação.

Prontamente, Nietzsche vai empreender uma campanha contra o excesso do sentido histórico presente no homem moderno e, por conseguinte sua pressa desmedida em querer dar sentido à vida por meio da história, ou seja, a capacidade de significar o passado por meio da memória. O homem moderno, assim diz Nietzsche, não percebeu que o excesso de saber histórico o entorpece, e que a disposição de esquecer torna-o mais feliz, pois, segundo ele, o animal que vive de forma *aistórica* absorve o presente, não dissimula diante da vida, não esconder-se de nada e nem de ninguém. A vida a cada momento parece mais interessante que antes, com mais cores e brilhos, este animal *aistórico* não sabe outra coisa que não ser ele mesmo, sendo a todo tempo sincero a si mesmo. O fato de não termos memória, isto é, de não recorrermos a todo instante a história, dar-nos a possibilidade de aprender tudo de novo, assim como foi a primeira vez.

O que percebemos nesta crítica feita pelo filósofo alemão é sua preocupação com homem moderno e seu destino, visto que este homem busca a todo instante sua emancipação através do conhecimento histórico e o acúmulo desse conhecimento, dessa maneira, tornasse-a por acabar em um sujeito doente, olhar para trás em busca de uma promoção da vida é o mesmo que virar

uma pedra de sal¹³, para Nietzsche o homem histórico é correspondido ao animal que abdica do sono, repouso que não quer saber o que é a felicidade.

A alegre serenidade, a boa consciência, o ator feliz, a confiança no vindouro, tudo depende – seja para um indivíduo como para o povo – de que haja uma linha que separa o visível e claro do obscuro e sombrio; de que se saiba tanto esquecer direito e no tempo certo, quanto lembrar no tempo certo; de que se perceba, com instinto forte, quando é necessário sentir historicamente ou aistoricamente. (ibidem, 2017, p.38).

Tal Vez, poderíamos imputar a Nietzsche à fama de um rebelde sem causa, como assim, fazer uma crítica a conhecimento histórico? O filósofo alemão não parece perceber a importância da história para a vida? Como bem sabemos, o escritor de *Ecce homo*, não dar murros em pontas de faca, suas críticas ao homem moderno se circunscreve na tentativa que o homem faz de recorrer de forma excessiva à história em benefício à vida, para Nietzsche deve haver sempre um momento certo de lembrar e de esquecer, seus julgamentos são para aqueles que apelam de forma exagerada ao passado com a finalidade de ressignificar o presente, em certos momentos devemos ser aistóricos, pois, dessa maneira apreendemos a história em proveito da vida.

Se a crítica nietzscheana intenta perfilar-se numa direção aistórica, é por que evoca um esforço de percepção e ação da realidade. Vejamos que este duelo travado por Nietzsche contra seus contemporâneos, corresponde ao momento que o conhecimento assimilou-se a um modelo de uma sociedade de massa, ou seja, os sujeitos não são ávidos a um conhecimento que promova a ação e elevação do homem, mas o acúmulo deste conhecimento tem finalidade à satisfação de grupos que se sujeitaram a modernidade capitalista.

Este saber não é desejável a serviço do presente, sua finalidade não está na condução de homens de espíritos livres, mas, seu desígnio é tornar sujeitos cultos, e ser culto é sinônimo de erudição em assuntos históricos. Desta maneira,

¹³ Aqui faço referência a uma passagem da Bíblia, quando Deus faz a sentença de destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, Ló e sua família saem às pressas para não serem destruídos junto com a cidade, a ordem divina era para que eles não olhassem para trás, caso contrário tornassem pedras de sal. (GÊNESIS, 19: 1 a 29).

Nietzsche ver tais homens sendo motivos de escárnio diante dos gregos, pois, ao olharem para eles o que viriam? Senão um povo abarrotado de costumes, religiões e pensamentos alheios, uma enciclopédia ambulante.

A crítica recorrente feita por Nietzsche a esse modelo de conhecimento atinge seu grau maior de insatisfação devido à filosofia moderna abarca-se nestes mesmos pressupostos, ou seja, o conhecimento filosófico é resultado de um domínio da história da filosofia, a filosofia é uma erudição do passado, ou de nos fecharmos em nossos quartos, em atividade bovina de ruminância do que ocorreu, ou mais ainda, de conversas entre velhos acadêmicos e juvenis ávidos por alguma espécie de recordação da tradição, no entanto para Nietzsche: (2017, p. 79) “[...] ensina-se filosoficamente – até aí quase tudo é permitido; **apenas na ação, na assim chamada vida**” é possível ensinar filosofia. Diria Nietzsche que sim, que na ação, ou melhor, na atuação, no terreno fértil da existência onde somos os protagonistas, roteiristas e diretores, da nossa vivência.

Desta maneira, pensar o ensino da filosofia como um fazer história da filosofia é o mesmo que abraçar a escuridão e não perceber o esgotamento da vida humana.

Por conseguinte, esse problema do sentido histórico que está na filosofia, é flagrantemente percebida nos estabelecimentos de ensino, na pedagogia moderna, na crença sobre a educação dos jovens, nas disposições de forças da sociedade, para os desavisados, uma cultura histórica na educação representa um retrocesso na caminhada humana, por isso, lutar contra esse modelo representa um grito a favor da dela. Nietzsche é enfático ao afirmar que se trata de uma sabotagem da vida quando os educadores modernos se apegaram a esses arquétipos e modelos, do sentido histórico, eles têm amado mais a vida passada do que a presente. Diante destas noites escuras que cobre o entendimento diz Nietzsche: (2017, p.135).

Agora necessito de um protesto contra a educação histórica da juventude do homem moderno e quando o protestador exige que o homem necessite da história, sobretudo para aprender a viver; apenas a serviço da vida é que se aprender.

Vigora a compreensão nietzschiana que, os estabelecimentos de ensino abriram suas portas para que os jovens aprendessem mais sobre o passado do que sobre si mesmo, o sentido histórico que conduz a educação tem por meta não a formação do homem livre, mas, do homem técnico-científico, que vai se afastando cada vez mais das coisas da vida, a preocupação nietzschiana está expressa na defesa de uma educação que se inicie na própria vivência, as questões de erudição cultural serão de segundo plano.

Diante disto, o que o filósofo prussiano apresenta como contraponto a esse modelo de conhecimento que reduziu exercício filosófico a um domínio do conhecimento excessivo da história da filosofia?

Para escapamos dessa sociedade tecnicista, amante do passado que funda seu saber no acúmulo de conhecimento, a arte é a resposta, ela é o presente contra o passado, o claro contra a escuridão, a canção num mundo silencioso, é por meio da arte que a vida se torna suportável, segundo Nietzsche ela nos faz erguer a cabeça.

Nela se esqueceria que todo momento é, no interior do artista, justamente o momento criador mais forte e ativo, um momento de composição do tipo mais superior, cujo resultado será uma pintura artisticamente verdadeira, e não historicamente verdadeira. (ibidem, 2017, p. 90).

É assim, que o homem exorcizar os fantasmas de uma vida infértil, infrutífera e se coloca como sujeito de construção e ação, como artistas estamos destinados à grandeza e a reinvenção do nosso mundo, de certo modo, Nietzsche aponta uma saída para o homem moderno, devemos nos render a dimensão de uma vida as pés de uma experiência estética, nos banhamos nos rios dos cantos dos poetas. A arte abriu os olhos que outrora estavam fechados por uma visão reducionista da existência, a poesia tem a força de proporcionar novos brilhos e cores à vida, a potência artística é criadora.

O ensejo de uma crítica à filosofia dogmática e seu ensino, recaem sobre nossa formação docente e conseqüentemente na prática docente. Para fundamentar melhor nossa reflexão, buscamos em Rodrigo Gelamo uma resposta a esse problema da forma de se ensinar filosofia.

Gelamo trará luz a nossa discussão, ao apontar o dogmatismo filosófico presente em nossa percepção acerca de assuntos filosóficos; isto acontece quando designamos a existência de correntes maiores e menores dentro da filosofia ou quando apontamos para um grupo de pensadores como sendo mais importantes que outros. O diagnóstico feito por Gelamo constitui-se na ideia que a filosofia está relacionada com pensamento majoritário de uma ortodoxia de temas e filósofos que se mantém ao longo do tempo no domínio de nossa formação, de acordo com este dito, há uma redução do exercício filosófico, quando pensando o ensino da filosofia desta maneira.

Segundo Gelamo nossa tarefa é a de questionamento desses pressupostos filosófico de uma filosofia maior e em contrapartida abrir para o pensamento de uma filosofia “menor”, de acordo com o filósofo brasileiro, “[...] maior e menor não são qualificações de bom/mau ou quantificações de muito/pouco. **Remete a função e para que tipo de uso que se faz da filosofia**” (GELAMO, 2012, p. 97), maior e menor, se restringe a nossas reflexões filosóficas e como elas estão vinculadas a determinadas tradições e correntes de pensamentos, “[...] a filosofia maior vincula-se ao poder das suas próprias constantes e luta pela manutenção destas, **enquanto a filosofia menor vincula-se às potências da variação e do escapar dos centros aglutinadores**” (ibidem, 2012).

Por tais considerações, sobre o ensino da filosofia, pensar uma prática de ensino de uma filosofia “menor” é ampliar nosso horizonte do exercício filosófico em nossa docência, estabelecer uma cultura de reflexão de temas do nosso dia a dia de constituir uma metodologia própria do ensinar filosofia é o caminho para uma ampliação do exercício filosófico. Resignificarmos essa tradição do pensar maior da filosofia, posto a nós por meio das grandes correntes do pensamento ocidental é em si, fazer uma filosofia reversa segundo Gelamo, nesta compreensão de fazer uma filosofia “menor”, não cairemos no canto da sereia e nem estaremos sob os apostolados da tradição filosófica.

Nosso dever consiste em encontrarmos espaços para pensar uma filosofia “menor”, que corresponda uma vivência própria uma experiência partícula de vida, ou seja, devemos problematizar nossos próprios temas e problemas filosóficos, já dito acima por Nietzsche, não podemos abarcar no porto

de uma história da filosofia, que se configura como um modo de pensar dogmático da mesma.

Sob estes aspectos do ensinar filosofia, abordado por Gelamo, ecoa em nossos ouvidos como expressões de urgências as demandas por ele colocada quando o assunto é o espaço educacional, assim acusa Gelamo, o reducionismo filosófico chegou até nós, pois.

E no espaço educacional não é mais o desenvolvimento do pensamento, mas a transmissão de uma série de conteúdos que, supostamente, dão condições para integração do estudante no quadro do progresso tecnológico e proporcionam a sua entrada no mercado de trabalho. (ibidem, 2012, p. 112).

A tese central do problema assenta-se na ideia de que ensino de filosofia é uma transmissão de uma história da filosofia ou de conteúdos abordados por temas ou conceitos advindos de uma única tradição, haja vista, que ainda não superamos modelos antigos e arcaicos que resulta num enquadramento do pensar filosófico. A ruptura do século XIX para XX parece não ter nos ensinados nada acerca da filosofia e sua transitoriedade, o existencialismo e a fenomenologia parecem passar despercebidos em nossos centros acadêmicos.

A docência exigiu dos jovens estudantes as mesmas respostas dadas pela tradição, se a resposta não for à de um filósofo não tem validade alguma. Sob este aspecto, as exigências de Gelamo é que não devemos medir esforços na tentativa de estabelecermos um modo de pensar “menor”, genuíno a nossa existência e experiências cotidianas, ou seja, nosso sofrimento, nossa angústia, alegria, e tristeza devem ser o alvo da reflexão filosófica.

Que fiquem nítidos para nós os ditos nietzschianos de um afastamento do sentido histórico, do qual os homens modernos se dispuseram a fomentar em nossa maneira de enxergar a vida, não devemos nos submeter constantemente ao passado para viver o presente, de abarrotados de conhecimento da vida alheia, porque a vida acontece no aqui e agora no chão de nossas experiências. A filosofia não deve se reduzir a uma história da filosofia, aos caprichos acadêmicos dos especialistas e eruditos, ela deve ser fruto da nossa maneira de compreensão e apreensão da realidade a nossa volta. (fim)

1.4. Tornando-se aquilo que se é.

Anteriormente, propomos apresentar os fundamentos teórico-filosóficos que fundamentam nossa sociedade e conseqüentemente nosso modo de ver o mundo em sua mais variada dimensão. Vimos que *logos* ditou os rumos de nossa civilização, promovendo um discurso de rejeição e abandono da tradição poética. Agora, neste tópico final de primeiro capítulo, objetivamos apresentar o que se constitui na visão nietzschiana o esforço humano para torna-se aquilo que se é, ou aquilo que se deseja ser.

Embora, Nietzsche não atribua a si a missão de salvador da humanidade, nem de tornar o homem perfeito, contudo, ele vê o desdobramento do pensamento ocidental em declínio, devido a sua relação com o racionalismo moderno de caráter estritamente instrumental que não é capaz de dizer sim a vida. Nietzsche parece não desistir do homem, de certa maneira, ele busca redefini-lo no cenário ocidental, onde este se firme pelos próprios valores, não sendo vítimas deles, por isso, suas duras críticas à filosofia, educação, política e religião.

Diante disto, temos um compromisso, um dever, pensar a filosofia de Nietzsche a fim de entender os caminhos de como *alguém se torna o que se é*¹⁴, sobre esta expressão diz Apolinário: (2007, p. 116).

A evocação nietzschiana do tornar-se aquilo que se é, serve de contraponto ao conhece-te a ti mesmo socrático e ao amai ao próximo cristão. Ela implica de sobremaneira, uma arte do cultivo de si mesmo coaduna a esse vislumbre dos erros, dos desvios, da destruição e coisas afins que compõem a vida.

De acordo com Apolinário, torna-se o que se é, configura-se no encontro do sujeito com ele mesmo no palco da vida, na possibilidade de agir em seu favor

¹⁴ Esta expressão é um subtítulo de sua obra autobiográfica *Ecce homo*.

e de pensar a existência por meio de uma experiência individual, que retrata o esforço humano para alcançar o seu objetivo.

Já com Larrosa o uso do termo, ganha contornos de formação humana, para o filósofo espanhol, formação é um processo interminável de um jogo de máscaras, que não está em busca de um fim ou de uma constituição identitária do homem, Larrosa vai mais além, formação é o cultivo de uma sensibilidade que está perdida em nós, assim sendo, torna-se o que se é, configura-se em dar ao homem a possibilidade de recriação e reinvenção de si, este processo de autocriar-se, devir, pode ser entendido na metáfora do livro fixando na estante, que quando lido torna-se vivo e a cada nova leitura se revive.

Ainda no ensejo da discussão, Oswaldo Giacoia um grande estudioso da filosofia nietzschiana; ao deparar com o tema em questão, vai mostrar que o dito de Nietzsche está relacionado à sua derradeira filosofia, ou seja, período de sua maturidade intelectual, do qual sua expressão mais sublime repousa na figura do profeta Zaratustra, para Giacoia o personagem condensa todo o esforço do pensamento de Nietzsche para desconstrução dos fundamentos do pensamento ocidental herdeiro do platonismo e cristianismo, desta maneira, a missão do profeta é de anunciar o futuro do homem, a fim de que este se torne o que deseja ser, como descrito neste fragmento, “[...] queres meu irmão, ir-te para solidão? **Queres buscar o caminho que te leva a ti mesmo? Espera ainda um pouco, e escuta-me**” (NIETZSCHE, 2011, p. 71).

Ouvir a voz do profeta, para que saímos da caverna, desçamos do cume da montanha, ao encontro do meu eu, como dito em outro fragmento, “[...] detrás de teus pensamentos e sentimento, meu irmão, há um ano mais poderoso, um guia desconhecido – **ele se chama Si mesmo. Em teu corpo habita ele, teu corpo é dele**” (ibidem, 2011, p. 32). O profeta em sua missão procura anunciar as boas novas aos homens, na esperança de que se encontrem dentro de si. Com estes três exemplos de autores diferentes sobre o tema, concluímos que o dito de Nietzsche, se assume como enunciado messiânico, ao mostra que homem estava perdido, mas, como uma nova aurora ele ascenderá em direção à redenção, pois, o seu destino é torna-se, supera-se, reviver e assumir-se como autor de sua existência.

Conquanto, a expressão torna-se o que se é dentro do escopo nietzschiano possa ter várias explicações, e como nosso intuito não é esgotar o termo e nem podemos, vamos tentar pensar esta expressão como um caminho de saída do homem teórico em direção ao homem estético.

Vontade de potência é uma expressão tardia do pensamento de Nietzsche, no passar dos anos tornou-se o termo mais usado dentro do escopo de sua filosofia, ela diz muito sobre como alguém se torna o que se é, uma vez que, o termo *vontade de potência*, cunhado pelo filósofo alemão, representa uma unidade de forças, impulsos e expansão, ou seja, um estágio da vida humana que vai além de suas forças, que não se reduz, não diminui apenas cresce.

Em tese, pode ser representado pelo devir heráclitoico, do qual Nietzsche toma emprestando e fundamenta seu pensamento, dito outra maneira, *vontade de potência* é o banhar-se no rio¹⁵, um fluir constante sempre em direção a algo ou alguma coisa, e neste sentido sua direção é a vida, *vontade de potência* é vontade de vida, de afirmação do homem, mas também é distanciamento, desvio de uma sociedade decadente, da qual seu declínio é fruto de sua relação com positivismo científico, do socratismo teórico e da razão instrumental.

A vontade de potência é o comprimento profético de Nietzsche, o “prelúdio a uma filosofia do futuro”¹⁶, o sinal de ascensão da existência; nas palavras de Rosa dias: (2011, p. 33). “à vida como princípio que faz do **pensamento algo ativo e o pensamento como elemento da própria vida**”.

Para Nietzsche vida e potência são correspondentes e indissociáveis, pensar a vida é pensar em potência, mas afinal, o que é vida? A vida é a expansão da própria vida, para onde a *vontade de potência* peregrina como afirma o próprio Nietzsche em fragmento no *Além do bem e do mal*: (2010, p.155), “[...] **terá de ser a vontade de poder encarnada, quererá crescer, expandir-se, atrair para si**, ganhar predomínio- não devido a uma moralidade ou imoralidade qualquer, mas porque vive, e vida é precisamente vontade de poder”. Vida é um ato criativo a superação da nossa existência decadente, é mundo do vir-a-ser sendo, é a vontade criadora, que dar forma, faz crescer,

¹⁵ Uma frase do filósofo pré-socrático Heráclito, de Éfeso que tornou muito conhecida, para além dos muros da filosofia, em um fragmento o filósofo diz que “ninguém pode banha-se no mesmo rio por duas vezes”.

¹⁶ Prelúdio a uma filosofia do futuro é subtítulo do livro de Nietzsche *Além do bem e do mal*.

Nietzsche entender a criação como um ato gerador de vida, por meio do qual as coisas se expandem e geram novas vidas, “[...] criar, para ele, **é atividade a partir da qual se produz constantemente a vida**; portanto, não há por que se envergonha da linguagem dos mitólogos. Todo conceito é histórico, está em devir” (DIAS, 2011, p. 63).

Contudo, vale lembrar que o termo criação, como foi designado pela tradição bíblica, que se constitui como ato divino que deu formas prontas e certas aos seres vivos, não se encaixa na definição nietzschiana; não é desta criação que o filósofo alemão infere seu pensamento. Mas, a criação é em sua filosofia uma atividade constante e ininterrupta, sobre o assunto ele diz, “[...] e o que chamais mundo deve ser criado imediatamente por vós: **vossa razão, vossa imagem, vossa vontade, vosso amor devem torna-se o vosso próprio mundo!**” (ibidem, 2011, p. 96).

Sendo assim, criação é ação, ato, atuação é o homem artista a dar sentido à vida, por meio de seu desempenho ele gera vida, torna a viver o que era morto, imóvel, em *Gaia ciência* no fragmento 107 diz Nietzsche: (2012, p. 124), “[...] como fenômeno estético a existência ainda é suportável, **e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmo um tal fenômeno**”. Temos olhos e mãos por causa da arte, temos também ouvidos e tato, e uma boa consciência que nos serve de companheira em meio ao mundo desiludido.

No fragmento acima é evidenciado que as afirmações sobre a vida coincidem com a arte, todo o propósito e virtude atribuída à vida, de igual modo estão presentes na arte, indo um pouco mais além, a arte está como algo necessário à proteção e manutenção da própria vida, nas palavras de Rosa Dias: (2012, p. 85), “[...] **a vida como propósito da arte, a arte como necessária proteção da vida**, a vida só se justifica como fenômeno estético constituem praticamente um leitmotiv que acompanham todas as questões fundamentais”. Neste bailar ao som do artista, onde a vida se entrelaça com a arte, o homem não mais ele mesmo, para Nietzsche o artista deixou de ser artista, agora, virou obra de arte, fomos postos em frente ao espelho, o que vemos? O resultado de uma transformação, interior e exterior, com a arte seremos o que deveríamos ser

o resultado de nossa alma de artista é a superação do homem, somos o além-homem.

É dessa maneira que Nietzsche infere no pensamento ocidental a “tese”, que é diante da vida que se dar o autêntico existir, ela é o laboratório de experimentação das nossas vivências, todavia, a vida como Nietzsche a define requer de nós esforço e aceitação de tudo o que ela tem a oferecer, como prazer e alegria, mais também a dor e sofrimento e todos os outros infortúnios, é neste pacote completo da nossa vida que o homem tem capacidade de auto-superação.

O além-do-homem apresenta-se como o estágio de maior êxtase dessa jornada, pois o homem escravo dos valores morais da modernidade é deixado para trás, o além-do-homem carrega em si o potencial de se firmar pelos próprios valores, não dependendo de nenhum subterfúgio metafísico.

Valores que não mais criem tipos humanos fracos, vingativos, que odeiam este mundo, esta vida, que são ressentidos com relação aos mais fortes, mas tipos que amem esta vida sem a necessidade de recorrerem a uma vida além-túmulo. Tais novos valores devem criar tipos humanos voltados para o *além-do-homem*, novos tipos humanos que têm um *plus*, “um a mais” de vida. (SOUSA. 2009, p. 23).

O homem é esta tensão constante entre o animal e o além-do-homem, o perigo do abismo está em sua frente, ele não pode vacilar, o risco é enorme diante de si, não deve olhar para trás. De acordo com Nietzsche: (2012, p. 14), “[...] o Além-Homem é o sentido da terra. Assim fale a vossa vontade: possa o **Além-Homem torna-se o sentido da terra**”. Sua grandeza é ser a ponte, o elo entre a vida mesquinha para a vida sublime, de mostrar o sentido da vida no aqui e agora, nesta vida, não no-além-vida, sua nobreza é nos convidar a tornamos o que se é, a amar a vida e dizer sim a ela.

Por tais sustentações, o pensamento nietzschiano aponta na direção de uma reflexão filosófica fundamental na experiência da arte trágica, no sentido de oferecer soluções a um modelo de pensamento platônico, em segundo, seu pensamento aponta para uma busca radical do sentido humano em nós, de encontramos a nós mesmo, Nietzsche não abandonou o homem moderno, sua

esperança reside no profeta Zaratustra e na sua mensagem do além-homem, e que este se torne o que se é.

2 - Sobre os nossos estabelecimentos educacionais: Uma visão nietzschiana sobre filosofia e educação.

2.1 - Nietzsche e a filosofia.

O que é isto a filosofia¹⁷? Uma resposta de imediato se torna impossível a esta pergunta, embora se tenha uma vasta tradição que se lançou acerca de tal questão. Todavia, as divergências são de todos os tipos durante o percurso da história da filosofia e justamente por causa dessa vasta tradição filosófica que se torna inválido qualquer conclusão.

¹⁷ Título de uma das conferências proferida pelo filósofo Alemão Martin Heidegger e que posteriormente se tornou texto publicado.

Mas, de nenhum modo ficará a problemática sem reflexão, vejamos algumas compreensões sobre a pergunta o que isto a filosofia? Para os gregos, especificamente Platão e Aristóteles, filosofia é a ciência do todo, já para as escolas pós-socráticas ela é aspiração à excelência e à felicidade, na modernidade é compreendida como a ciência dos princípios de onde todo saber parte e tem seus primeiros passos.

Diante desta primeira correspondência acima, temos algumas respostas sobre o que é a filosofia, mas percebe-se que a questão não é concluída, não temos um dado definitivo. Como nos encontramos diante de uma “*aporia*”¹⁸, se faz necessário estabelecer um parâmetro, algo que todos tenham em comum acerca da filosofia. Essa proposta foi muito bem estabelecida por Johannes Hessen em seu livro *Teoria do conhecimento*, onde Hessen diz: (2003, p. 4) “deve-se primeiramente buscar um conteúdo comum nos **sistemas em que se forma a representação geral da filosofia**”, para o filósofo alemão é evidente que existem sistemas do quais se estabelecem uma base de pensamento, não é verdadeiro considerá-los como resposta definitiva para nossa questão, mas como nossa busca é encontrar um parâmetro dentro da história da filosofia, é imprescindível ponderá-los.

Hessen identifica nos filósofos Platão, Aristóteles, Descartes, Leibniz, Kant e Hegel características essenciais, mesmo com toda a diferença que demonstram entre si, ambos apresentam algo em comum, “encontramos uma atração pelo todo, um direcionamento para totalidade dos objetos” (ibidem, 2003 p. 5). Trata-se de filósofos universalistas de acordo com Hessen, que além da proposta filosófica para compreensão do todo, eles viram no intelecto e na razão a base de sua filosofia.

Essa característica filosófica de compreensão do todo descrita por Hessen trás em si dois aspectos em sua formulação: o primeiro corresponde a uma filosofia de valoração e edificação da vida humana, ela está fundamentada

¹⁸ “Esse termo é usado no sentido de dúvida racional, isto é, de dificuldade inerente a um raciocínio, e não no de estado subjetivo de incerteza. É, portanto, a dúvida objetiva, a dificuldade efetiva de um raciocínio ou da conclusão a que leva um raciocínio”. (ABBAGNANO, 2007. P, 75).

no agir humano com a disposição do intelecto, razão, Hessen torna isto compreensivo quando afirma: (2003, p. 6).

Tanto o agir do estadista quanto o do poeta ou do cientista tornam-se igualmente objetos da reflexão filosófica. Com isso, **a filosofia aparece em Sócrates e mais ainda em Platão como autorreflexão do espírito** a respeito de seus mais altos valores teóricos e práticos.

A partir do que foi dito, temos o entendimento de que há sistemas de pensamentos filosóficos que tomam a filosofia como um conhecimento de si e do espírito, dito de outra maneira, como uma filosofia de vida ou para vida. È propriamente no período clássico da filosofia grega que esta perspectiva filosófica toma impulso, servido então de base para outras correntes de pensamentos.

O segundo aspecto corresponde à filosofia enquanto uma ciência das coisas imanentes, empíricas¹⁹, que se estabeleceu como visão de mundo. Hessen atribui esta característica filosófica a Aristóteles que, diferentes de seus antecessores, Sócrates e Platão, onde a filosofia é conhecimento de si; Aristóteles toma a filosofia como um instrumento de compreensão do mundo em sua volta, é devido a estes atributos que o filósofo estagirista é chamado de pai da ciência ocidental, sua predisposição intelectual tinha como metodologia de estudo os dados da natureza, isto é, o mundo físico e o que ele dispõe a oferecer como material de análise.

É com este entendimento, ou seja, com a abrangência de sistemas filosóficos, que hora é visão de si e em outro momento é visão de mundo, que Hessen estabelece um fio condutor sobre o que possa ser a resposta, o que isto a filosofia? Ao analisar os estóicos e epicuristas, percebeu um forte alinhamento com a concepção platônica de filosofia, já com os filósofos do final da idade média e início da modernidade como Descarte, Leibniz e Espinosa, havia uma

¹⁹ Empíricas vem da palavra empirismo que diz: "(in. Empiricism; fr. Empirisme, ai. Empirismus; it. Empirismo). Corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade" (ABBAGNANO, 2007. P, 326).

realocação à concepção aristotélica de filosofia e assim sucessivamente, desta maneira Hessen torna claro ao nosso entendimento quando afirma: (2003, p. 8).

Toda a história da filosofia aparece, enfim como um movimento pendular entre esses dois pontos. Isso prova, porém, que esses dois elementos pertencem ao conceito. Não se trata de um ou-isto-ou-aquilo, mas um tanto-isto-quanto-aquilo. **A filosofia é ambas as coisas: visão de si e visão de mundo.**

Será que temos uma definição sobre a essência da filosofia? Ou podemos encontrar fora da análise feita por Johannes Hessen, outra compreensão acerca da essência da filosofia e conseqüentemente uma resposta a nossa questão posta anteriormente? Antes de enveredarmos por outras concepções acerca do assunto, temos que fazer algumas ressalvas do que acima foi dito, a fim de evitarmos os desentendimentos sobre o tema proposto.

Foi dito acima que a filosofia é a ciência do todo, universal. Pois bem, devido ao movimento iluminista e seus desdobramentos nas áreas da ciência, ela a ciência tornou-se o conhecimento do particular, portanto, é dentro desta nova ideia de conhecimento que temos então, as ciências da natureza, humanas e exatas, que conseqüentemente se subdivide em outras, como a filosofia não se presta ao estudo da parte dos objetos, ela aponta para outra finalidade que é a universalidade destes, como diz Hessen: (2003, p. 10).

Enquanto as ciências particulares tomam por objeto parte da realidade, **a filosofia dirige-se a totalidade dos objetos.** Não obstante, poderíamos pensar em aplicar a filosofia o conceito de ciência à filosofia. **Distinguiríamos, então, entre ciência particular e universal, chamando a última de filosofia.**

Dito de outra maneira, a filosofia como qualquer ciência tem sua metodologia, área própria de estudo e análise, uma via adequada de apreensão da realidade, é parte de sua essência o caráter investigativo e questionador, uma

paixão pelo perguntar e conhecer, assim sendo, fica claro que a filosofia enquanto ciência busca o todo da realidade as demais buscam as particularidades.

Continuando com a discussão sobre o que é a filosofia. Desta feita, recorreremos às contribuições do filósofo alemão Martin Heidegger, de quem o tema deste capítulo nós tomamos emprestado de uma das suas conferências. Heidegger assim como outros filósofos da tradição, vai assumir a impossibilidade de uma resposta definitiva sobre a filosofia. Para Heidegger a pergunta em si o que isto a filosofia; já nos põe para fora da dela, ou seja, nós estamos orbitando a filosofia. Portanto, se estamos fora da filosofia, então, como saber o que é a filosofia? De certa maneira, sabe-se que não há nenhuma relação afetiva, sentimental com ela, desta feita, conclui-se, segundo a interpretação heideggeriana que a filosofia não é do campo dos afetos, “[...] mesmo os mais belos sentimentos não pertencem à filosofia. Diz-se que os sentimentos são algo de irracional”, (HEIDEGGER, 2018, p. 7).

Encontramos a princípio uma reflexão a quem a filosofia não pertence, mas o que seja a filosofia estamos ainda buscar. Bom, se não há relação entre os sentimentos e a filosofia, visto que, os sentimentos é algo de irracional, desta maneira, temos a certeza que a filosofia é do campo da razão, “[...] a filosofia, pelo contrário, **não é apenas algo racional, mas a própria guarda da *ratio***” (ibidem). Até aqui, damos por certo que a filosofia é de inteira responsabilidade da razão. Se for da razão, quem legou esta autoridade a *ratio*? A filosofia legou, dito isto, Heidegger nos joga em uma falácia circular, a filosofia é da razão por que a própria filosofia diz; essa não parece ser uma resposta honesta para nossa pergunta.

Como nos encontramos, agora, perdidos cabe a nós percorremos o restante da obra de Heidegger para vermos o final de sua reflexão. O convite é para retornamos aos gregos, Heidegger está convencido que a palavra filosofia em sua forma original *philosophia* pode dar-nos alguma resposta. Pois bem, a *philosophia* nos aponta para o *sophón*, o sujeito que aspira ao saber, é o *sophón* que está a caminho, a procura da essência das coisas, o que move o *sophón* é o *páthos* (paixão). Este *pathos* encontra sua correspondência na filosofia

platônica como sendo a ideia última das coisas, na filosofia aristotélica ela é *episteme*.

Na compreensão de Heidegger, só podemos chegar a um entendimento da questão, quando assumimos o papel do *sophón*, por que a resposta à pergunta só se torna plausível no percurso, ou seja, é filosofando que captamos a essência das coisas. Quando estamos nos trilhos da filosofia é como tirar o véu que a cobre, daí surge o espanto que para Heidegger é o verdadeiro guardião da filosofia, “[...] o espanto carrega a filosofia e impera em seu interior”, (ibidem, 2018 p. 38). Em outra passagem diz: (2018 p. 39) “[...] pelo espanto os homens chegaram agora e chegaram antigamente à origem imperante do filosofar”. Desta feita, temos em Heidegger o espanto como uma possível resposta a nossa questão, sendo assim, a filosofia é espanto que temos diante dos “objetos”.

Feita esta introdução sobre o que é a filosofia. Fica aqui a pergunta, qual é então a compreensão nietzschiana de filosofia, o que diz ou pensa Nietzsche sobre a filosofia e sua finalidade?

A filosofia de Nietzsche se desenvolveu em direção oposta à tradição a que o antecedeu, avesso a sistemas filosóficos, Nietzsche elaborou uma “filosofia de problemas” que redefinisse o homem no cenário ocidental firmando-o em seus próprios valores e não se tornando vítima deles, a despeito dessa concepção filosófica nietzschiana diz Matos: (2015, p. 15), “o legado espiritual e o testemunho existencial de Frederico Nietzsche parecem ser de uma atualidade marcante. **Nietzsche edificou-se uma filosofia sobre o homem**, levando o niilismo às últimas consequências”. Os homens com capacidade de suportar a dor e o sofrimento, que não precisem de nenhuma ajuda metafísica, se tornarão edificadores de uma nova civilização, aqui fica evidente uma preocupação de Nietzsche com destino no qual a humanidade estava preste a percorrer.

Nietzsche fará oposição a tudo que é imposições de valores ou doutrinações, “parece ser o projeto fundamental de sua filosofia a recuperação da vida, reduzida a acidente, segundo sua visão, e a elaboração de uma nova compreensão de homem”, (ibidem, p. 2015), Nietzsche, apresenta-se como um

filósofo do seu tempo, porém, contra ele. Afirmar a vida como valor último é seu ofício. “Nietzsche, tinha como perspectiva trazer de volta a vida como princípio que faz do pensamento algo de ativo e o pensamento como elemento afirmador da própria vida” (DIAS, 2011, p. 33).

Dessa maneira, Nietzsche se põe como um divisor de águas na história da filosofia, “como disse certa vez Martin Heidegger, todos os que pensam hoje o fazem à luz e à sombra de Nietzsche, que sejam a favor ou contra ele” (apud ANSELL, 1997, p. 17), A filosofia nietzschiana é inequivocamente viva entre nós, seu pensamento ressoa na contemporaneidade, assim afirma Deleuze: (1976, p. 4), “É evidente que a filosofia moderna, em grande parte, viveu e vive ainda de Nietzsche”. Oswaldo Giacoia na introdução do livro, *Nietzsche*, definiu-o como o pensador mais incômodo e provocativo dentre os clássicos da modernidade.

Mas, o que diria Nietzsche de si mesmo ou de sua filosofia? Essa questão pode ter suas anotações a partir do Nietzsche tardio, do período da sua maturidade intelectual, especificamente em sua obra autobiográfica *Ecce Homo*, que já no prólogo diz Nietzsche: (2006, p. 15) “Não sou, por exemplo, nenhum bicho papão, nenhum monstro moral”, essa confissão do filósofo é resultado da má compreensão por parte de seus contemporâneos, Nietzsche sentiu na pele a rejeição²⁰ de seus escritos ainda em vida, a rejeição e os problemas de saúde fez com que Nietzsche desenvolvesse uma experiência filosófica ímpar, como escrito nesse trecho, “filosofia, tal como até agora a entendi e vivi, é a vida voluntária no gelo e nos cumes” (ibidem, 2006, p. 16). A filosofia associada à existência é marca oficial do pensamento nietzschiano, assim como a própria pele que cobre as formas do corpo físico, assim é a filosofia para Nietzsche.

Como é constitutivo da espécie humana, ninguém vive nas cavernas ou montanhas se alimentando da solidão e de seu próprio espírito para sempre²¹,

²⁰ “Homens póstumos — eu, por exemplo — são menos compreendidos do que os temporâneos, mas mais ouvidos. Mais precisamente: não somos jamais compreendidos — daí nossa autoridade”. (NIETZSCHE, 2006, p. 8)

²¹ Aqui fazemos uma referência direta ao prólogo da obra *Assim falou Zaratustra* que diz: “quando Zaratustra completou trinta anos, abandonou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para a montanha. Ali, durante dez anos alimentou-se de seu espírito e de sua solidão, sem deles se fatigar”. (2011, p. 11).

ser ouvido se faz necessário, não para arrebanhar seguidores²², nem torna melhor as pessoas²³, mas, para quem sabe, a mensagem possa encontrar ouvidos seletos e ávidos pela vida em sua mais pura efetivação, assim como uma voz que ecoa no deserto anunciando a chegada de um novo reino²⁴, igualmente é a filosofia de Nietzsche, uma anunciação.

Os figos caem das árvores, são bons e doces: e ao caírem rasga-se sua pele rubra. Um vento do norte sou para os figos maduros. Assim, como figos vos caem esses ensinamentos, meus amigos: bebei seu sumo e sua doce polpa! É outono em torno e puro céu e tarde. (ibidem, 2006, p. 17).

Nietzsche leva muito a sério seu projeto filosófico, não se trata de um ressentimento ou vingança, nem algum desafeto em particular, porém suas posições têm alvo certo. Na tradição filosófica identificou um rebaixamento do espírito humano, a filosofia se tornou dogmática, foi baixada a condição de religião, os dogmas podem ser perigosos, no prólogo do *Além do bem e do mal* diz Nietzsche: (2005, p. 7), “Supondo que a verdade seja uma mulher – não seria bem fundada a suspeição de que todos os filósofos, na medida em que foram dogmáticos entenderam pouco de mulheres”. Nietzsche imputa a tradição filosófica, a ideia de que foram supersticiosos e infantis ao lidar com assuntos do pensamento.

É desta maneira que denuncia a decadência da civilização ocidental e aponta seus principais responsáveis, portanto, lutar é preciso, assim diz Nietzsche: (ibidem, 2006, p. 29), “outra coisa é a guerra. **Sou por natureza guerreiro. Agredir é parte de meus instintos.** Poder ser inimigo, ser inimigo – isso pressupõe talvez uma natureza forte”. Em um trecho de *Crepúsculo dos ídolos*, afirma: (2006, p. 7), “Da escola de guerra da vida. — O que não me mata me fortalece”. A filosofia da guerra, do confronto entre os pares, é sem dúvida o

²² “Retribui-se mal a um mestre, continuando-se sempre apenas aluno”, (NIETZSCHE, 2011, P. 17).

²³ “A última coisa que eu prometeria seria melhorar a humanidade”, (ibidem, p. 15).

²⁴ No evangelho de João Capítulo 1, versículo 23. João Batista declara ser a voz que clama no deserto, assim, faz uma referência à profecia de Isaías capítulo 40, versículo 3.

caminho encontrado pelo filósofo prussiano para denunciar as mazelas do pensamento ocidental, com isto, o filósofo alemão põem em evidência os “ídolos” a serem derrubados e como um poeta que se nutre da sua realidade o escritor de *Ecce Homo* repudia toda forma de pensamento que não tenha na vida terrena sua afirmação, opondo-se a metafísica tradicional que se firmou na além-vida, isto é, fora do mudo sensível, Nietzsche branda em uma única voz, único mundo é este.

Sé a vida não se afirma fora dela, na metafísica, logo, a vida tem sua efetivação na física, no corpo, desta maneira, a filosofia nietzschiana lança mão para uma nova compreensão do homem, fazendo do corpo uma hermenêutica; que segundo Rosa Dias: (2011, p. 50) “[...] para Nietzsche, o homem se insere na vida pelo corpo. O corpo é que é o centro da interpretação e organização do mundo. O corpo é pensador”. A “fé” no corpo e a crença no espírito humano que Nietzsche se opõe à metafísica tradicional, assim como vimos em Platão e conseqüentemente no cristianismo o desprezo pelo corpo, configurando de imediato um desprezo pelo mundo; temos em Nietzsche uma crítica radical a esta forma de pensamento, que segundo ele é a negação da existência.

Por parte, damos fim a este tópico que começou com uma indagação sobre o que é a filosofia e conseqüentemente a compreensão nietzschiana acerca do assunto, nossa intenção foi estabelecer uma linha de raciocínio sobre a filosofia de Nietzsche que pudesse servir de parâmetro para o restante do capítulo que se segue. Todavia, temos a compreensão que o que foi abordado neste tópico não encerra o tema em questão, mas temos o entendimento de que o que foi dito se dar por suficiente.

2.2- Notas sobre o ensino de filosofia no Brasil.

As discussões em torno da efetivação e permanência do ensino de filosofia no ensino médio ocupou as duas últimas décadas após o processo de redemocratização do país. Um crescente interesse pela produção científica envolvendo as temáticas como: *ensino de filosofia, filosofia e educação,*

formação pedagógica do professor de filosofia entre outros,²⁵ isto por causa, do retorno do ensino de filosofia (2008) a escola de forma obrigatória. No meio escolar perguntas como: qual a função da filosofia, ou ainda, para que serve a filosofia, sempre são constantes. Observa-se que dentre as disciplinas da grade curricular a filosofia antes de tudo tem que justificar sua presença e participação, de certa maneira, convencer aos que indagam sobre sua tarefa que ela é importante.

A partir do que foi dito, objetivamos apresentar posições de teóricos e estudiosos sobre o tema, apontar os arranjos políticos-históricos que envolveu a efetivação da disciplina de filosofia na escola, esses arranjos servirão de norte para nossa discussão. Não é de nossa parte oferecer nenhum dado inédito envolvendo essa temática, mas de forma clara e sucinta queremos apresentar visões que demonstram como a filosofia é fruto de pensamentos multifacetados ao longo de décadas.

Antes mesmo de entramos na problemática acerca da filosofia, julgamos importante recorreremos a períodos da história brasileira que mostram as medidas educacionais por parte do Estado, nesta parte utilizaremos o texto de Bárbara Freitag: *Escola, Estado e Sociedade*, onde a escritora aponta os fundamentos que serviram de impulso para as políticas educacionais, antes mesmo das reformas de 65 -75. Desta maneira, teremos uma compreensão um pouco mais ampla sobre o papel do ensino de filosofia e sua concretização em nossas escolas.

Existem períodos importantes da economia brasileira que irão influenciar as medidas educacionais, são eles: “[...] O período colonial, o Império e a República”, (FREITAG, 1980, p. 46). O Brasil colônia tinha sua formação econômica através de produções conhecidas como primárias de predominância agrárias tais como: açúcar, café, borracha e outros, por causa deste modelo econômico a mão de obra não era especializada, ou seja, não precisava de

²⁵ Sobre estes temas ver: Ensino de Filosofia: *questões fundamentais* / Org. Junot Cornélio Matos, Marcos Roberto Nunes Costa. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014. Filosofia: caminhos do ensinar e aprender / Org. Junot Cornélio Matos, Marcos Roberto Nunes Costa. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 2013.

nenhuma formação técnica ou qualquer qualificação para o serviço. Sendo assim, uma política de Estado era inexistente, não tinha escola para a mão de obra trabalhadora, a educação neste tempo é de caráter estritamente privado e conseqüentemente o ensino de filosofia também.

È necessariamente por causa deste modelo econômico que as classes dominantes mantinham o monopólio da educação, estabelecendo para si uma maneira viável de dominação e perpetuação no poder, nesta ocasião as escolas existentes eram as dos jesuítas, formavam as pessoas para o direito, medicina e belas artes, seu alunado oriundo das grandes famílias da época. A igreja tinha a hegemonia na educação, contribui na formação da sociedade civil, porém, atendia apenas às demandas das classes superiores economicamente, o quadro social sempre se mantinha o mesmo,

[...] mas, a estrutura social de dominantes e dominadores, em sua composição básica, a mesma. Não há necessidade de qualificação da força de trabalho imigrante pela escola brasileira, pois ela já vem qualificada para o tipo de tarefa que se esperam. (ibidem, 1980, p. 48).

No período do Império, temos uma configuração no modelo econômico que passou de agrícola para industrial, isto impulsiona novas posturas acerca da educação, decisões para fomentação de mão de obra precisavam ser tomadas. A crise cafeeira fez com que o modelo manual de produção fosse substituído pelo urbano-industrial, diante desta nova fase surge uma nova classe de ricos, e com ela uma reestruturação da sociedade, as alterações são visíveis nesta época.

É por volta dos anos 1930 -1945, que temos a era Vargas, período conhecido como Estado Novo, essa configuração política assume o controle econômico e educacional do país. No ano de 1930 é criado o ministério da educação e Saúde; “[...] estabeleceu a nova constituição de 34 (art. 150^a) a necessidade da elaboração de **um Plano Nacional da Educação que coordene e supervisione as atividades de ensino em todo o país**”, (ibidem, 1980, p. 50). O Estado passa a distribuir e organizar as formas de ensino de forma gratuita

para todos; temos um avanço com relação ao período Colonial, em 1937 temos uma nova constituição que,

[...] é introduzido o ensino profissionalizante, previsto antes de mais nada para as classes “menos privilegiadas” (Art. 129). Dispõe ainda este artigo que é obrigação das indústrias e dos sindicatos criarem escolas de aprendizagem na área de sua especialização para os filhos de seus empregados e membros. (ibidem, 1980, p. 51).

Bom, se anteriormente não tínhamos uma educação para a população em geral, agora temos, porém, não por vontade da burguesia, mas do Estado, essas escolas têm a finalidade de qualificação profissional, sua função é atender a demanda do mercado industrial. A igreja perde o monopólio educacional, o Estado tem um controle político e social maior, aumentam-se os números de escolas, elas passam a ser um aparelho da força estatal, ou seja, “[...] aparelho ideológico do Estado”, (ibidem, 1980, p. 52).

O período da República, (*República populista*) mostrou características bem peculiares, devido a II guerra mundial, as importações sofrem quedas, a economia passa a procurar novos agentes de negócio, encontra no mercado interno uma tangente para suas necessidades. O número maior de capital estrangeiro no país passa a ser investido, justamente para atender as demandas da economia, grupos lutam para se perpetuar no poder, o Estado será o adversário a ser contido nesta nova configuração da economia nacional, e a educação torna-se desejo de cobiça de muito.

Com o texto definitivo da LDB que foi sancionado em 1961, que carregava prerrogativa de organização e destruição da educação em todo país em suas mais variadas modalidades, desta maneira, as classes menos favorecidas tinha a possibilidade de ter uma educação gratuita desde os iniciais até termino da educação. Antes da sanção da LDB, por volta do ano 1957 circulou um projeto-de-lei com nome de *Substitutivo Lacerda*, que propunha reduzir a força do Estado sobre a escola, passando-a para a iniciativa privada. Isto mostra como grupos poderosos dentro da política se articulavam para retirar das mãos do Estado o

direito e dever de oferecer uma educação para um número maior de pessoas. As interferências foram muitas ao longo da história da educação no Brasil, o Estado brasileiro não conseguiu de fato oferecer uma educação de qualidade, sempre ficando atrás da iniciativa privada.

Como dar a uma classe o privilégio da educação? No Brasil, tornando franco o ensino público. Embora, houvesse um esforço por parte do Estado em mudar a realidade de pessoas em situações menos favorecidas por meio de uma educação de qualidade; a realidade é que isto nunca aconteceu, a LDB não atendeu suas demandas nem alcançou sua meta prevista em documento, as diferenças entre classes sociais não foram reduzidas, a seletividade no sistema educacional que tínhamos desde Brasil Império continuaram os mesmo por décadas.

O que queremos chamar atenção com relação estes período da história brasileira? É que a filosofia também passa por todas essas etapas, hora reservada à educação dos filhos da classe dominante, hora pertencente apenas como disciplina na grade curricular das escolas privadas, hora como disciplina fantasma no ensino básico público.

Para a história do ensino de filosofia no Brasil, é preciso levar em conta, sobretudo, as profundas transformações do campo de estudo em educação, que implicam a complexificação das abordagens capazes de nos ajudar a compreender os desafios da filosofia enquanto disciplina escolar. (CEPPAS, p. 171).

Agora atentando para o ensino de filosofia no Brasil. De início, cabe aqui, tratarmos das idas e vindas da filosofia ao ensino médio, desta maneira, podemos entender sua trajetória e necessidade de efetivação. Uns dos primeiro registros que temos do ensino da filosofia datam do século XVI, “[...] o primeiro curso de filosofia, no Brasil, tenha sido iniciado já no século XVI, em 1572, no colégio da companhia de Jesus, na cidade de Salvador”, (HORN, 2009 apud

DUARTE p. 170). Esse dado é interessante porque mostra o quanto um grupo (*elite*) entende a importância da filosofia para formação integral dos educandos.

Com reformas significativas na educação no século XIX, especificamente a de Rocha Vaz, o ensino de filosofia passou a ter uma atuação no ensino base das escolas brasileiras, “[...] o ensino secundário passou a ser dividido em séries **e a filosofia tornou-se obrigatório nos dois últimos anos**”, (DUARTE, p. 180). A reforma Capanema também deu visibilidade a disciplina filosofia, “[...] a reforma Capanema (1942), representou um certo avanço da luta pela instituição e presença efetiva da Filosofia no currículo como disciplina **obrigatória nas segundas e terceiras séries dos cursos Clássico e Científico**”, (HORN, 2009, p. 30 apud DUARTE, 181).

Ao avançamos um pouco mais na história veremos que a filosofia se tornará uma disciplina fantasma, sem nenhuma representatividade, perdendo sua obrigatoriedade, em 1961 ela passou a ser vista como disciplina complementar, estando ou não na grade curricular das escolas, ou seja, ela tornou-se optativa, com a tomada dos militares ao poder (1964) a filosofia perdeu de vez sua atuação no ensino base das escolas públicas, “[...] os militares consideravam determinados autores e doutrinas filosóficas perniciosas e subversivas”, (ibidem, p. 181). Cabe aqui uma observação, a filosofia sai da grade curricular para dar espaço a outras disciplinas em 1970, contudo, escolas particulares confessionais mantêm a filosofia como disciplina obrigatória, a elite no país, sabe o quanto a filosofia é fundamental na formação humana, a classe política parece até hoje não entender isto.

Fica evidente nesta exposição que a filosofia nunca esteve de verdade na grade curricular, foi renegada e subjugada à situação de flagelo, mesmo com sua retomada em 2008, ela ainda é vista como uma disciplina que serve para preenchimento da grade curricular, a sua distribuição no horário escolar sempre são os piores e mal dividido. Na compreensão de Filipe Ceppas, a filosofia que volta não é a mesma quando saiu, o hoje ela tem que corresponder uma série de demandas, a situação no Brasil é outro totalmente diferente, “o Brasil passou por um processo de modernização das forças produtivas – **do milagre brasileiro a globalização da economia**”, (ibidem, p. 171). Contudo, a força do capital

parece determina a obrigatoriedade de conhecimentos efetivos para uma atuação de sujeitos no mundo da vida, a classe média emergente parece não gozar de nenhum prazer na felicidade alheia.

Além de um passado conflitante no Brasil, a filosofia ainda passa por problemas outros que estão no campo de uma identidade, pensar uma filosofia puramente brasileira sem fazer menção aos fantasmas do pensamento europeu é praticamente impossível. Desta feita, muitos esforços foram feitos para tal empreendimento, aqui se destaca Padre Vieira, que segundo Ceppas: (p. 175),

[...] é necessário reconhecer em Vieira um terreno fértil para se pensar tanto interpretações conflitantes acerca das relações entre fé, razão e nosso passado colonial, quanto às questões ontológicas, éticas e epistemológicas que aí se distanciam, em diálogos com textos filosóficos canônicos da tradição europeia. Mas, sobretudo, é preciso frisar que estamos diante de um texto de filosofia (ou *filosófico*, se preferir) escrito em português, isto é, um texto que não conseguiria dizer o que diz tivesse sido escrito em língua diferente.

A reflexão sobre uma filosofia ala tupiniquim, não tem por finalidade fazer uma territorialização da filosofia, dizendo: está aqui é minha aquela é sua, mas, de incumbir uma provocação a fim de se pensar questões referentes à nossa compreensão de enxergar o mundo. De acordo com Gomes: (1994, p. 18), “[...] sempre que a razão se expressa, inventa filosofia. O que chamamos de filosofia grega nada mais é do que o streap – tease cultural que a razão grega realizou de si mesma”. Uma filosofia “pura ou original”, será possível independente do tempo e espaço, é a razão essa guardiã da filosofia que vai conduzir as reflexões sobre os problemas nacionais, ou fazer o streap-tease cultural.

O esforço é válido na direção de problematizar nossa educação, nossas escolas, como fez Sérgio Buarque de Holanda em relação ao povo brasileiro, em *Raízes do Brasil*. Portanto, repensar o currículo escolar brasileiro é fundamental

para efetivação de uma filosofia de “razão tupiniquim”²⁶, “[...] uma **filosofia brasileira só terá condições de originalidade e existência quando se descobrir no Brasil**. Estar no Brasil para poder ser brasileiro”, (ibidem, 1993, p. 23).

Aprender a filosofia ou aprender a filosofar; em muitos casos, essa tem sido a questão de debates nos centros de formação docente, dito de outra maneira, devemos ensinar como Kant ou como Hegel, não que autores da história da filosofia não devam ser trabalhados, mas, por que questões locais não nos conduzem a pensar um modelo de se fazer filosofia? Talvez, isso mostre um pouco das limitações dos nossos cursos de licenciaturas, assim, ficamos com a fala de Tiago Brentam: (2007, p.10).

A hipótese levantada após a revisão bibliográfica indica que o ensino de filosofia se constitui entre dois campos discursivos: (1) A compreensão da temática no âmbito puramente pedagógico; (2) O seu amparo na forma de uma investigação filosófica. Essa verificação impõe uma análise descritiva das regularidades e das dispersões que povoaram os discursos do ensino de filosofia no país.

Percebe-se que nossa formação é um pouco deficiente, não conseguimos ser criativos, produtivos em nossos cursos de licenciaturas, aqui ou ali ficamos a desejar, se analisarmos as grades curriculares dos cursos superiores de filosofia veremos a limitação da produção local, ou seja, poucas obras de filósofos brasileiros; veremos a falta de articulações entre saberes, Pedagogia e Filosofia; e quando vamos á escola para estágios supervisionados vemos como a disciplina filosofia é quase invisível em nossas escolas.

Assim, percebemos o quanto a história da filosofia no Brasil é multifacetada, uma presença quase apagada, sua participação em muitas vezes sem nenhuma importância. Nos últimos anos os arranjos políticos lutam para barrar de vez sua participação, durante e após o período militar a filosofia sempre

²⁶ Aqui fazemos referência a obra de Roberto Gomes, um texto de 1994, com título: Crítica da Razão Tupiniquim, o autor aborda a possibilidade de uma filosofia brasileira.

foi um incômodo para uma elite dominante, é vista como corruptora da juventude, o fantasma que a sobrou Sócrates permanece vivo no Brasil.

2.3- Do fim último da Educação.

Esta parte se revela fundamental para nossa dissertação, aqui temos a missão de esclarecermos às justificativas nietzscheana de uma educação com vista à arte e a filosofia. Desta feita, recorreremos às obras do período da juventude de Nietzsche, as cinco conferências, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino (1872)*, quando ainda era professor de filologia clássica na Universidade da Basileia. As críticas feitas pelo filósofo alemão à educação alemã, até certo ponto, encontra seu paralelo na educação Brasileira, vemos que Nietzsche expressou forte preocupação com o tipo de formação que estavam recebendo os jovens do seu país, uma preocupação que também se encontra em defensores de um novo ensino aqui no Brasil, (*discussão para outro momento*).

Entre este aproximar e distanciar, vamos procurar de que maneira a crítica nietzschiana nos ajuda a estabelecermos uma prática pedagógica com vista à formação humana como valor máximo para vida.

Os anos iniciais da sua atividade como professor de filologia rendeu para si momentos de experiências negativas, o mundo acadêmico se revelou estranho aos seus olhos, dito de outra maneira, muito enfadonho, pedante.

Desde os primeiros anos de sua atividade como professor, sabe que não poderá suportar por muito tempo o mundo acadêmico, o enclausuramento em uma disciplina. Sua instintiva aversão pela especialização, pela cultura enciclopédica e livresca com que os professores pretendiam educar seus alunos, e sua ambição em ser mais do que um simples professor crescem a cada dia. (DIAS, 1993, p. 32).

A academia é o lugar de ruminação do passado, dos amantes da história, não há espaço nela para o viver autêntico, não é possível qualquer revolução do espírito²⁷, na visão de Nietzsche a academia aprisiona e arranca de nós toda a força de atuação no mundo da vida, tira de nós a verdade que nos impulsiona (*vontade de potência*) ao verdadeiro existir.

Nietzsche despreza o sistema educacional que tem sob seus olhos. Esse sistema visa promover o homem teórico, que domina a vida pelo intelecto, separa vida e pensamento, corpo e inteligência. Em lugar de procurar colocar o conhecimento a serviço de uma melhor forma de vida, coloca-o em função de si próprio, de criar mais saber, independentemente do que isso possa significar para a vida. (ibidem, 1993).

Como Nietzsche se revelou um pensador preocupado com destino do homem, vemos claramente que o sistema educacional da Alemanha do seu tempo tornou-se alvo de sua crítica; em sua primeira conferência diz Nietzsche: (2003, p. 49) “[...] com espírito de uma elevação incomparável, procurar fazer progredir a formação da educação de seus cidadãos”. O escritor de *Humano demasiado humano*, em seus anos como jovem professor, ensaiou uma ideal de educação que tinha nos gregos sua fundamentação primeira, “[...] ensinou-lhe também que o saber deveria servir a uma melhor forma de vida, como era entre os gregos”, (ibidem, 1993, p. 40).

A educação concebida pelo então professor de filologia estava ancorada nas experiências individuais de cada sujeito, elas deveriam inspirar a vida e a vida inspirar o modo de cada uma delas de pensarem. No pronunciamento de sua conferência, ao modo platônico²⁸, Nietzsche tenta construir uma

²⁷ Nas obras de Nietzsche a expressão espírito é bastante presente, tal expressão tem forte relação à palavra *Psyche*, que de acordo com dicionário de filosofia Abbagnano pode ser entendido como: (2007, p. 813) “(in. Psyche. fr. Psyché. ai. Psyche. it. Psiche). Alma ou Consciência”.

²⁸ Nietzsche constrói suas conferências sobre educação em forma de diálogos, onde há mais de um debatedor, neste texto, um o filósofo anônimo é sujeito central da construção de toda argumentação e faz para o seu discípulo mais achegado suas apreciações, neste mesmo diálogo encontra-se a presença de dois estudantes da escola alemã.

argumentação com vista à organização de uma sociedade, que tem na arte e literatura um espírito de vanguarda para o estabelecimento de uma educação com fim à cultura.

Para o espírito de Nietzsche há uma forte relação entre cultura e educação, e que ambas corriam sérios perigos, devido a uma ideia de expansão e encurtamento da cultura, “[...] havia uma tendência à extensão, á ampliação máxima da cultura, e a tendência à redução, ao enfraquecimento da própria cultura” (ibidem, 2003, p. 60). A tese central de Nietzsche a esse respeito de expansão ou redução da cultura, é que ela vai se render ao apelo de uma ampliação de si, com vista a atender os desejos de uma política econômica, dito de outro modo, a cultura no tempo de Nietzsche foi capturada pelo espírito do utilitarismo²⁹ das políticas de grandes massas, portanto, o seu fim último é produzir e reproduzir em quantidades exorbitantes com via ao lucro.

Diante disto, Nietzsche mostra sua insatisfação ao modelo como a cultura a qual ele via como guardiã da humanidade, ser rebaixada categoria de reprodutora para as massas, sua finalidade é conceber o máximo de ideias para massagear o ego dos indivíduos, diante desta nuvem cinzenta que pairou sobre o entendimento, diz Nietzsche: (2003 p. 62) “a cultura tão universal quanto possível enfraquece a tal ponto a cultura, que ela não pode mais admitir qualquer privilégio ou garantir qualquer respeito. **A cultura mais universal é exatamente a barbárie**”. A cultura tornou-se incultura, como ele chegou a tal ponto? Quem são seus algozes? Os centros educacionais, os estabelecimentos de ensino³⁰. Eles, aquém Nietzsche atribui o título de agentes de produção e fomentação da cultura, foram tomados pelos eruditos de plantão, eles.

²⁹ “Por conseguinte, o Utilitarismo. substitui a consideração do fim, derivado da natureza metafísica do homem, pela consideração dos móveis que levam o homem a agir. Nisto, liga-se à tradição hedonista, que vê no prazer o único móvel a que o homem ou, em geral, o ser vivo, obedece (v. HEDONISMO)” (ibidem, 2007, p. 986).

³⁰ Estabelecimento de ensino do qual Nietzsche se refere em suas conferências, (*gymnasium*) “equivale aos antigos ginásio e colegial, hoje 5ª a 8ª séries do 1º e 2º graus do currículo brasileiro”, (DIAS, n.p) e (*universidades*) ao nosso ensino superior no Brasil.

[...] erudito, exclusivamente especialista, se parece com um operário de fábrica que, durante toda sua vida, não faz senão fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou uma máquina determinadas, tarefas na qual ele atinge, é preciso dizer, uma incrível virtuosidade, (ibidem, 2003, p . 64).

Os especialistas das universidades, gurus de espíritos rasteiros, eles são uns dos algozes da nossa civilização, responsáveis pela decadência da cultura e educação, na sua segunda *intempestiva*, chamo-os de filisteu da cultura, que,

[...] nada mais é que um ser empanturrado de mil impressões de segunda mão, sempre disposto a discorrer sobre o Estado, a Igreja, a filosofia e a arte, que transporta para o passado e nele faz seu ninho: um gênio que nunca saiu da garrafa, (ibidem, p. 64).

É diante deste cenário, que Nietzsche esboça uma reação e projeta para si uma nova trajetória na academia, desta feita, como professor de filosofia, essa confissão Nietzsche faz a um amigo de profissão Rohde, onde oferece a este a cadeira de filologia e para ele Nietzsche ficar com a de filosofia. Neste desejo de mudança, Nietzsche parece ensaiar seu projeto filosófico, seduzido pela obra musical do compositor Wagner ele acredita que poderia levar o mundo acadêmico a uma revolução cultural, neste período escreve *O nascimento da tragédia (1871)*.

O sistema educacional seria a porta de entrada para a formação do novo modelo de pensamento acerca da cultura, sem falar também da possibilidade de produzir uma filosofia voltada para vida humana. Depois do fracasso de sua primeira obra no ano de 1882, as *conferências sobre educação* abriram novas perspectivas, e o jovem Nietzsche passou a despertar em alguns um olhar admirador, as conferências tornou-o um pouco mais respeitados entre seus pares.

Toda essa trajetória se mostrou fundamental para a elaboração de uma educação filosófica, com vista à elevação cultural do jovem alemão. Por isso,

sua oposição a o filisteu da cultura (*filósofo universitário*) com sua mania de intelectualismo e erudição, algo muito comum na academia brasileira, Nietzsche viu que uma postura crítica da filosofia diante dos fatos do cotidiano foi substituída pelo desejo de revisitar o passado e fazer nele sua morada, caracterizando um pensar que tomou os docentes universitários.

Desta feita, a filosofia, então, perdeu seu impulso pela vida, pelo descobrimento, tornou-se improdutivo, pensar uma educação filosófica ao modelo que se estabeleceu nos sistemas de educação é o mesmo que se render a uma visão de mundo miserável, pequeno, pois, o destino da educação para Nietzsche, tem por objetivo maior combater a pobreza cultural e “[...] **abominar o ensino que não vivifica e o saber que esmorece a atividade**. O homem deve aprender a viver, e só se utilizar da história a serviço da vida”, (ibidem, 1993, p. 60).

Não seria nada demasiado de nossa parte atribui a Nietzsche o mérito de percussor de uma nova cultura, ou mesmo de um profeta ou visionário. Coube a ele então, diagnosticar as mazelas que impediam o florescimento de um novo espírito alemão. Eis que não dorme a alma do jovem professor, ele ergueu sua bandeira de guerra, declarou luta, luta contra a cultura decadente do ginásio, “[...] me permita obter sucesso num combate arrojado e destruir os bastiões desta pretensa cultura”, (ibidem, 2003, p. 66). Abraçou sua missão, entende que libertar o ginásio destes grilhões que prende os jovens estudantes a uma cultura trivial é um sacrifício que deve ser feito por todos os homens nobres com disposições e de calorosos sentimentos elevados.

Más, como definir a cultura numa perspectiva nietzscheana? Já que esta é a finalidade da educação. A cultura é própria da natureza humana, não há como separá-las, natureza determina nossas habilidades, aptidões e por meio dessas virtudes naturais estabelecemos uma cultura de promoção da vida, assim educar os jovens em via a cultura é:

[...] romper com a ingenuidade e imediaticidade com que os jovens consideram a natureza, significa desencantar a natureza e fazer ver o amálgama problemático que é

homem e a natureza; em segundo lugar, significa promover a comunicação dos jovens estudantes com os homens grandes e raros e mostrar a exemplaridade da sua experiência existencial e intelectual, (prólogo, Noéli).

A cultura assim como Nietzsche problematiza, tem seu fundamento primeiro em uma educação com retenção na filosofia, na verdade; a verdadeira cultura é a aquela que não se rendeu a propaganda jornalística diz Nietzsche, devido à cultura jornalista presente as instituições de ensino, houve o empobrecimento da formação educacional, a cultura jornalística é o mestre do instante, da superficialidade de pensamento, dos passos ligeiros em direção ao nada. É por causa dela que os homens experimentam um forte desgosto em suas bocas e cansaços em seus ouvidos, suas palavras e jargões desprezam a boa formação clássica, que é capaz de oferecer uma alta qualidade linguística as jovens, como diz Rosa dias: (1993, p. 35) “A tarefa de uma escola de alta qualidade deve ser sempre a de levar o estudante a compreender a importância de se estudar seriamente a língua”.

Para Nietzsche, analisar os clássicos da cultura grega, estimulando os alunos a pensar e repensar por várias vezes, fará com que eles não sejam tomados por essa incultura. A princípio, Nietzsche defende uma educação formal no ginásio, isto se constitui necessário para obter disciplina e bons hábitos.

A educação começa com hábitos de obediência, isto é, disciplina. Disciplinar linguisticamente o jovem não significa acumulá-lo de conhecimento históricos acerca da língua, mas sim fazê-lo construir determinados princípios a partir dos quais possa crescer por si mesmo, interior e exteriormente, (ibidem, 1993).

A escola que Nietzsche ensaia para a juventude alemã, não terá que se submeterem a uma pedagogia estéril, ao fazer acusações desta natureza ele está a apontar o problema da educação; como nesta afirmação: (ibidem, 1993), “a triste causa disso é a pobreza de espírito pedagógico da nossa época”, a falta

de articulação ou de ideias práticas que possam relacionar o saber com o viver, ou seja, há uma fragilidade de pensamento de produção.

[...] basta apenas entrar em contato com a literatura pedagógica desta época; é preciso estar muito corrompido para não ficar assustado, quando se estuda este tema, com a suprema pobreza de espírito e com esta verdadeira brincadeira de roda infantil. (ibidem, 2003, p. 67).

Os debates escolares superficiais e programas educacionais continuavam por anos a serem alocados para formação do homem erudito, a finalidade da filosofia no espaço educacional com este não começará pelo espanto diz Nietzsche, mas pelo terror, e dirá a filosofia, não tome a pedagogia como provocação não a toque! Ela está cheia de si, não encontrou o caminho do ensino que eleva as almas, caminho este que se dá no domínio da língua, estrita, artística e clássica, dos poetas que levam em seus poemas o que há de melhor na estilística linguística, e tantos outros que não se deixaram levar pela cultura rebaixa da língua jornalística.

Até aqui, entendemos que a crítica de Nietzsche se estendeu a um grupo de especialistas de plantão presentes nos centros de ensino (*professores*), que na sua falta de aptidão pelo que é nobre no estudo, deixaram de lado toda uma cultura clássica, e se apegaram ao que é decadente, a panfletagem jornalística.

Como combater esta praga de “insetos” que se multiplica dentro dos estabelecimentos de ensino? Que tipo de remédio é necessário? O antídoto mais seguro seria o próprio ginásio retornar ao período de grande efervescência cultura, de remeter-se aos homens de espíritos nobres³¹, os filósofos e poetas da Grécia, ou seja, devem investigar as questões referentes à arte e filosofia.

³¹ A expressão nobre é recorrente na obra de Nietzsche, em *Além do bem e do mal* o capítulo nono recebe este título: O que é nobre? Como seu pensamento já foi distorcido no passado devido a palavras como estas, cabe aqui uma explicação para não cairmos no mesmo erro. Alfredo Neto em livro, *NIETZSCHE: A vida como valor maior diz*: (1996, p. 12 -13) “O **tipo nobre** define uma forma de existir capaz de dizer “sim a vida” integralmente, em todos os seus aspectos, afirmando-a, criando valores e participando ativamente da produção de sentido do mundo. Isso caracteriza uma maneira de viver expandida, potente. [...] já o **tipo escravo** de vive perdido no tempo, incapaz de viver no presente e de criar qualquer coisa que seja.

E para que poderia servir a instrução artística para um jovem? Em uma única palavra: para a vida. A arte disciplina o instinto desenfreado de conhecimento que domina todos os outros a ponto de colocar a vida em perigo. Uma instrução artística na universidade contrabalançaria os efeitos nefastos da compulsão de saber a qualquer preço, e disciplinaria o instinto de conhecimento e a própria ciência. (ibidem, 1993).

A arte é capaz de conter o espírito histórico-científico que há dentro dos centros educacionais; no momento em que a arte foi subjugada ao modelo econômico capitalista a incultura dominou na universidade. Reviver o verdadeiro sentido da arte nos libertará, uma vez que esta é sua função, como afirma Nietzsche neste trecho: (2003, p. 80) “[...] quando se deveria ensiná-los a falar, a estetizar por si mesmo, quando se deveria levá-los ao fervor diante da arte”, isto que deve fazer o ginásio, promover o encontro, conduzir os jovens estudantes a filosofia e a arte, inflamar seus corações com a cultura refinada, assim, purificará seus espíritos e se tornarão agentes de “revolução”³².

A ingerência do Estado na cultura incomodou o filósofo prussiano, a força com que ele se manifestou na intenção de promover uma cultura de massa³³, apressou os passos da incultura entre os alemães “[...], portanto, não é a cultura da massa nossa finalidade, **mas a cultura de indivíduos selecionados**”, (ibidem, 2003, p. 90), a ação estatal promoveu a mortificação de uma cultura exemplar e nobre. Nietzsche não esconde de nós sua postura favorável a uma

Cultura uma memória prodigiosa que não permite superar as amarguras, as humilhações, os ultrajes vividos, vivendo amarrado a essas experiências. É, pois, incapaz de acolher e aceitar as imperfeições da vida”.

³² Revolução aqui, tem o sentido de reverter, virar de ponta cabeça; de troca de hábito com finalidade de auto aperfeiçoar-se.

³³ Esta expressão é comum nas obras da maturidade intelectual de Nietzsche, principalmente quando ele faz sua crítica ao Estado político moderno. Assim como a educação a política também é uma agente de produção da cultura, porém a sua associação com os discursos do igualitarismo político, rendeu-lhe por parte do filósofo duras críticas. Nesta afirmação evidenciamos sua insatisfação do filósofo: “Os Estados sinceramente democráticos devem a qualquer preço fornecer a todos a instrução mais elevada.” (2007, p. 194). Como nesta outra afirmação por Ansell: (1997:105) “[...] a democracia é forma política do mundo moderno capaz de oferecer melhor proteção para cultura.”

cultura seleta, aristocrata³⁴, é por meio desta seleção de espíritos que cultivamos a verdadeira cultura. Bom, não seria este o papel do Estado, promover uma cultura ao maior número de pessoas? Não para Nietzsche, justamente ocorre o contrário, homens de cultura nobre produzem a cultura e está eleva o Estado.

A proposta de seletividade que aparece na crítica nietzschiana em relação à cultura, tem por finalidade expor as mazelas de uma produção cultural escrava do mercado, por isso, a necessidade de se explorar a individualidade³⁵ de cada intelecto, por esta maneira, que compreendemos a finalidade do ginásio, ele deve estabelecer uma educação que tenha em vista a promoção do gênio. Mas o que aconteceu com o ginásio, então?

Assim como a escola técnica que, forma bons profissionais para as necessidades da vida corriqueira, também o ginásio se prestou a esta finalidade formando pessoas técnicas, subservientes ao mercado, funcionários para o Estado, bons trabalhadores, a escola técnica e ginásio em seus fins atuais são muitos semelhantes.

Onde foi para o gênio, onde está o estabelecimento para formação da cultura? Por isso diz Nietzsche: (2003, p. 107).

Quanto a mim, só conheço uma única verdadeira oposição, aquela que existe entre estabelecimento para a cultura e os estabelecimentos para as necessidades da vida: à segunda categoria pertencem todos os estabelecimentos que existem, mas, ao contrário, é da primeira que falo.

A pergunta que podemos elaborar diante desta fala de Nietzsche é a seguinte: como poderá surgir novos Beethoven, Mozart, Goethe entre outros?

³⁴ A cerca da aristocracia nietzscheana, "Nietzsche argumenta, por um lado, que justamente a aristocracia foi, na história remota, condição de grandeza e excelência, indispensáveis para elevação do homem, para sua transcendência sobre sua animalidade natural". (GIACCOIA, 2005, p. 132).

Na sessão 257 de *Além do bem e do mal*, diz Nietzsche: (2005, p. 153) "Toda elevação do tipo homem foi, até o momento, obra de uma sociedade aristocrática". Desta feita, entende-se que o aristocrata é aquele sujeito capaz de conduzir a humanidade, criar valores que afirmam a vida.

³⁵ A individualidade em Nietzsche não corresponde a um culto a pessoas humana, nem um desprezo pela coletividade, esta expressão na sua obra, tem um significado de exploração do que há de mais sublime no espírito humano.

Se o ginásio não propõe uma formação para cultura. Quem guiará as futuras gerações a uma formação que ame a arte, a vida em sua estetização?

A preocupação que Nietzsche esboça, tem como pano de fundo a resposta a essa questão, quem e como serão conduzidos os alunos do ginásio, visto que os da escola técnica já são muito bem preparados, mas, os do ginásio não tem a formação devida para a cultura, sem falar que os alunos da universidade são o reflexo dos alunos do ginásio, dito de outra maneira, “[...] veem agora mais claramente, meus caros, porque, do ponto de vista da cultura, **eu prefiro ver na universidade de hoje uma continuação da tendência do ginásio**” (ibidem, 2003, p. 127).

A melhor maneira de termos uma universidade com disposição a mais elevada qualidade intelectual, é cuidando e formando bem os alunos do ginásio, portanto, devemos usar os melhores instrumentos que temos à nossa disposição, “[...] filosofia, segundo lugar, por um instinto artístico e”, (ibidem, 2003).

Como conclusão deste tópico, entendemos a partir da leitura da obra de Nietzsche, que a educação está em seus últimos “suspiros de vida”, ela vem sendo solapada por práticas pedagógicas que não tem por finalidade o sujeito, a humanidade, mas sim, o Estado e sua necessidade.

Garantir uma formação com disposição à cultura é o que podemos corresponder como fim último da educação segundo Nietzsche, isto só é possível por meio de uma educação disciplinar, estudo sério da língua culta do país, com o auxílio da literatura clássica, e com a arte e a filosofia. Desta maneira, têm-se as ferramentas necessárias para a guerra contra os filisteus da cultura, os amantes do passado, contra os especialistas que não conseguem relacionar o saber com a vida.

O filósofo e o artista reclamam seus lugares e direitos, a educação clama por ajuda, a vida deseja sua libertação, ela quer de volta suas asas. O mundo precisa de cores, os olhares de experiência, e isto acontecerá por meio de uma educação que projete nos homens o desejo de uma cultura com fim a elevação do espírito humano.

2.4- Nietzsche o educador.

Alguns homens já nascem póstumos³⁶, curioso esta afirmação por parte do filósofo Friedrich Nietzsche, pois, o mesmo admite que o filósofo seja filho do seu tempo³⁷, é impossível ao homem escapar sua realidade temporal, sim! Seus pés não estão fora deste mundo, nunca esteve. Mas por que essa afirmação do filósofo alemão, o que ele quer nos dizer com essas palavras?

Nietzsche, sempre deixou claro para nós, ouvidos atentos, que sua grande tarefa consistia em denunciar os perigos que corriam a humanidade, assim como um médico diante de seu paciente que diagnostica sua enfermidade, a fim de que o mesmo possa encontrar a cura para sua existência. O testemunho é algo muito valioso para compreensão do pensamento alheio segundo Nietzsche, deixar com que os outros nos conheçam de forma mais profunda e honesta configura-se como uma virtude inestimável para os grandes homens, como ele afirma neste trecho de *Ecce homo*: (2008, p. 150), “[...] não deixei de dar testemunho de mim. Mas à desproporção entre a grandeza de minha tarefa e a pequenez de meus contemporâneos manifestou-se no fato de que não me ouviram”.

Parece-me que Nietzsche respondeu nossa curiosidade, ele mesmo se sentia póstumo pelo fato de não ser compreendido pelos seus colegas, seu testemunho não foi aprovado. Rosa Dias grande estudiosa do pensamento de Nietzsche, diz que a rejeição pelos seus pares reside nas escolhas feitas pelo filósofo. Contudo, Nietzsche não demonstra ter qualquer preocupação com as fofocas de corredores de universidade, aprendeu isso muito bem com Schopenhauer, sua atenção está voltada para outros olhares e ouvidos. Aqueles a quem a humanidade poderia contar para poder ser purificada dos seus velhos hábitos “sóbrios”, os estudantes, como nesta afirmação de Dias:

³⁶ Nietzsche expressa essa palavra em um aforisma na obra *Crepúsculo dos ídolos*.

³⁷ “Se de fato preferimos considerar todo grande homem como o verdadeiro filho do seu tempo”, (ibidem, 2003, p. 162).

(1993, p. 40).

Nietzsche, como educador, não tinha interesse em se tornar um vasculhador de textos antigos, fechados em seu gabinete, nem em criar um círculo de alunos atentos, que se seguissem indiferentes à vida que os rodeava. Pretendia, sim, incentivá-los de modo a poderem criar uma humanidade rica e transbordante de vida.

O professor Nietzsche nos ensina a obrigação de sermos atentos para o que de fato nos interessa que são os alunos. Devemos ser mais que bons educadores, temos que nos preocupar com as gerações que vem depois de nós, imprimir em nossos educandos algo que possa carregar consigo e que sirva de inspiração para uma vida significativa.

Essa confissão nietzschiana sobre ter um bom mestre, se dá pelo fato de grandes mestres terem marcado sua vida de forma profunda, são eles: Wagner e Schopenhauer; o primeiro imprimiu no pensamento de Nietzsche um desejo por uma revolução artística e uma esperança de renovação cultural, é por inspiração da obra de Wagner que Nietzsche escreve seu primeiro livro, *O nascimento da tragédia no espírito da música*, dedica ele a Wagner; já Schopenhauer é fruto de descobrimento literário; Nietzsche tem contanto com a obra de Schopenhauer é fica totalmente impressionado, sua terceira *Consideração intempestiva* recebe o título: *Schopenhauer Educador*. É por influência destes dois mestres que Nietzsche conduz sua produção filosófica na juventude.

Mas, o que há de tão estimado nos escrito de juventude de Nietzsche para nós educadores? Com o espírito sempre atento às coisas que o cercavam, percebeu que o modelo de educador existente no ginásio explorava uma pedagogia desacoplada da realidade do estudante. Com proposta a empreender uma pedagogia com via a autonomia do educando os professores promovem, um desarranjo intelectual nos alunos e não percebendo a importância de um amadurecimento para isto, formam educandos superficiais dentro de suas escolas.

O projeto de uma pedagogia autônoma configura-se no pular de etapas, “[...] a pressa indecorosa leva os estudantes, numa idade em que ainda não estão **amadurecidos o suficiente**, a se perguntarem qual profissão devem escolher”, (ibidem, 1993, p. 90), é necessário se obter uma maturidade intelectual, a iniciativa por parte dos professores de fazerem dos alunos narradores de suas vidas antes do tempo, pode causar uma má impressão de educação e aprendizagem, para Nietzsche, adquirir habilidade e domínio por meio de uma educação que preze a língua clássica, filosofia e arte, pode levar tempo, porém, se torna o meio mais seguro para uma futura projeção de si mesmo.

A todo custo, o educador deve atentar para um projeto de identificação do que há de melhor em seus alunos, cultivar uma relação de aproximação e confiança, dirigir todo esforço aos pontos fortes de cada um. Nietzsche tem por alta estima o professor que não permite que seus alunos não se tornem irresponsáveis e preguiçosos diante da vida,

[...] temos que de assumir diante de nós a responsabilidade por nossa existência, por conseguinte, queremos agir como os verdadeiros timoneiros desta vida e não permitir que nossa existência pareça uma contingência privada de pensamento, (ibidem, 2003, p. 140).

Os verdadeiros educadores são aqueles que inspiram seus educandos, eles possibilitam verdadeira libertação para que não haja em seus alunos qualquer sentimento de dependência do Estado e da sociedade. Levando em conta, essa postura de Nietzsche, entendemos que a prática educativa dos professores está firmada em duas colunas: a primeira delas deve potencializar nos jovens estudantes uma educação com apego à vida; a existência na sua mais variada efetivação deve ser fruto de experimentação, não pode haver qualquer tipo de rejeição ou abandono, nessa citação ele imputa esta responsabilidade aos educadores: (2003, p. 141).

Teus verdadeiros educadores, aqueles que te formarão, te revelaram o que são verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental da tua essência, algo que resiste absolutamente a qualquer educação e a qualquer formação, qualquer coisa em todo caso de difícil acesso, como um feixe compacto e rígido: teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores.

Devemos carregar o “peso” dessa responsabilidade, assim como já dito por Heidegger, temos que colocar o filósofo em curso³⁸, fazê-los caminhar por estradas de conhecimento com valoração da vida. A segunda, diz respeito ao nosso testemunho, ou seja, que sejamos exemplos para os nossos educandos, a fim de que eles nos imitem, como no caso do Kant.

Kant permaneceu atrelado a Universidade, se submeteu aos governos, salvou as aparências de uma fé religiosa, suportou viver entre colegas e estudantes: é, portanto natural que seu exemplo tenha produzido sobretudo professores de filosofia e uma filosofia de professores. (ibidem, 2003, p. 151).

Evidenciamos nesta postura nietzschiana da imitação, sua luta contra os *filisteus da cultura* que conseguiram arrebanhar os jovens a serem seus imitadores, todo esforço no sentido contrário é válido, o professor filósofo que por meio de sua prática demonstra sua mais alta estima pela vida, deve servir de exemplo, “[...] estimo tanto mais um filósofo quanto mais ele está em condições de servir de exemplo”, (ibidem, p. 150).

Contudo, essa imitação não pode ser limitada a uma postura de total dependência dos educandos para com seus educadores, mas, deve sim nas palavras de Dias, ser uma imitação criadora: (1993, p. 76), “[...] **a imitação para ele, é ativa, deliberada, construtiva, e permite a construção do modelo**, a superação de si mesmo e a anulação do efeito paralisante de sua época”. O

³⁸ Em seu curso *Introdução à filosofia*; ministrado no ano de 1928, nesta ocasião diz Heidegger, “[...] ao contrário, introduzir significa agora muito mais: pôr o filósofo em curso, deixar a filosofia acontecer em nós”, (2008, p. 5).

processo imitativo não é uma reprodução em massa de pensamento ou modelos, como vimos na crítica de Nietzsche ao ginásio e sua postura capitalista de produção cultural em massa; é um cultivar-se a partir de modelos existentes, por meio de pensamentos já estabelecidos reelaborarmos o nosso, ou seja, exprimir ideias a partir de ideias.

Os bons mestres, educadores sempre têm algo a nos ensinar por meio de sua vida; Schopenhauer é o exemplo mais claro que temos na obra de Nietzsche, essa proposta nietzscheana assenta-se na ideia que o filósofo é um sujeito da mais alta capacidade em valores nobres a serem imitados, neles podemos nos espelhar, suas palavras sempre são carregadas de verdades e honestidades. Desta feita, o filósofo prussiano demonstrou seguir exemplo de outros na história do pensamento, como no caso religioso, onde Paulo incentiva seus seguidores a serem seus imitadores, assim como ele é imitador de Cristo³⁹. Mais do que textos, palavras ou reflexões o modo de vida diz muito sobre uma boa educação,

“[...] mas, o exemplo deve ser dado pela vida real e não unicamente pelos livros; deve, portanto ser dado, como ensinavam os filósofos da Grécia, pela expressão do rosto, pela vestimenta, pelo regime alimentar, pelos costumes, mais ainda do que pelas palavras e sobretudo mais do que pela escrita. (ibidem).

O que a provocação nietzschiana nos leva a entender? Tomado suas próprias palavras como base, “[...] apresentar Schopenhauer, a partir da minha própria experiência, como educador”, (ibidem, 2003, p. 175), ou seja, Nietzsche convocar a tomarmos um filósofo como um exemplo de educador. Assim sendo, apresentamos Nietzsche como referencial da nossa prática docente, sua filosofia é o fundamento da nossa ação, sua vida um exemplo de superação das dificuldades cotidianas, no prólogo de *A gaia Ciência*, faz uma confissão de autor superação: (2012, p. 10).

³⁹ Essa fala aparece em uma das cartas escritas pelo Apóstolo Paulo a comunidade de Coríntios. 1 Cor 11-1.

Num homem são as deficiências que filosofam, no outro, as riquezas e forças. O primeiro necessita da sua filosofia, seja como apoio, tranquilização, medicamento, redenção, elevação, alheamento de si; no segundo ela é apenas um formoso luxo, no melhor dos casos a volúpia de uma triunfante gratidão.

Nietzsche como educador nos ensinar a superarmos a nós mesmo, nossa limitação, ensina fazermos das dificuldades trampolins para estágios mais elevados em nossa existência, de abraçamos todas as dificuldades da vida, pois, por meio delas nos tornamos mais forte. Na pedagogia nietzschiana não existe palavras como arrependimento, ressentimento ou renúncia, mas as palavras são de encorajamento, amor, destino e vida. Sua prática educativa propõe que façamos da vida um experimento e de nossas condutas um testemunho fidedigno de mais alta confiança, sugere um abandono da nossa forma decadente de ver a vida, estimula em nós à grandeza de espírito, como neste aforisma 158 de *Humano demasiado humano*: (2012, p. 112).

[...] O exemplo de grande homem estimula as naturezas mais vaidosas à imitação exterior ou ao excesso; e os grandes talentos carregam em si a fatalidade de esmagar muitas forças e germes mais francos, como que transformado em deserto a natureza a sua volta.

Ao que diz respeito ao exercício da nossa docência, seus conselhos mostram os desafios da vida acadêmica, o confronto constantes com uma filosofia estéril, improdutiva e com os *filisteus da cultura*, mostra que o desafio maior está presente no bom exemplo que podemos ser aos olhos de nossos educandos, que nossa conduta diz mais que nossas palavras, e que devemos, “[...] **constantemente trabalhar para engendrar os grandes homens**” (ibidem, 2003, p. 182). Nossa atividade em sala de aula é um exercício socrático de

parteamento⁴⁰, o de fazer o interlocutor dar a luz a sua própria ideia, assim também é na compreensão de Nietzsche o ofício do educador, como nesta afirmação: (2003, p. 185), “[...] é preciso ter vivido muito pouco para poder contradizer isto; mas aquele que está persuadido que o objetivo da cultura é favorecer o **nascimento do verdadeiro homem**”.

Embora Nietzsche aponta a cultura como a geradora do novo homem, sabemos de antemão, pois vimos em tópicos anteriores que a cultura só realiza sua tarefa de modo perfeito, quando os indivíduos forem educados com a finalidade à cultura. Nietzsche em seus “conselhos” parece demonstrar que há a possibilidade de subversão no sistema educacional, todavia, ele deixa escapar que estamos em constantes embates com ideias paralisantes dentro dos centros de educação.

Rosa Dias em seu livro *Nietzsche o Educador*, mostra as tendências que minam a educação, apontam os três egoísmos existentes nos centros educacionais: o primeiro é o da classe dos comerciantes, que a todo tempo força uma formação rápida com via a atender os negócios e o mercado de trabalho, a segunda é a do Estado, que também tende a uma formação horizontal da educação, sem nenhum interesse intelectual, conduz os educandos a um rebaixamento do espírito humano, o seu interesse é apenas a mão de obra para lhe servir; o terceiro egoísmo é o da ciência, que tem seu impulso pelo conhecimento a qualquer preço, sua velocidade na busca em descobrir algo, acaba se rendendo a interesses econômicos, o cientista é o homem sanguessuga, com culto a ciência como sendo seu deus, não enxerga outra finalidade na ciência pela ciência.

Logo, a consagração do nosso chamado está na tarefa de sermos educadores do presente, vislumbrando um horizonte de grande perspectiva da nossa condição enquanto sujeitos de transvaloração de valores, revirar ideias e modos de existência faz parte do nosso ofício, assim sendo, condições de

⁴⁰ A tradição filosofia grega especificamente Platão, diz que Sócrates foi filho de uma parteira; que nos diálogos platônicos Sócrates confessar não ter domínio sobre o saber, porém, o saber já estava nas pessoas ele apenas fazia com essas pessoas gerassem seus conhecimentos.

estagnação do pensamento e da educação podem ser mudadas por meio da nossa ação docente.

3 - A vida como obra de ARTE: Proposta de intervenção e ação interventiva.

3.1- Introduzindo o Tema.

Como educamos alguém? Ou melhor, as pessoas precisam ser educadas? Quem poderia nos esclarecer o que é educação, para que isto se torne objeto de estudo e efetivação em nossa sociedade. Haja vista, que quase tudo que aprendemos seja de maneira formal ou informal tem como finalidade o homem em seu mais variado modo de ser e existir; sabe-se também, que aquilo ao qual compreendemos como educação, é abordada até certo sentido, como

um processo ininterrupto que leva toda uma vida, dessa maneira, não pode ser considerado apenas o modo formal de uma educação (*que é a escola*), mas o modo informal de onde boa parte da nossa vida acontece.

Para nos ajudar a entender um pouco sobre o que seja educação, vamos recorrer ao texto de Álvaro Vieira Pinto: *Sete lições sobre educação de jovens e adultos*, onde o autor define de forma sucinta o que é educação, “[...] educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses”, (PINTO, 1993, p. 29).

Vejamos que interessante! A educação é fruto de um processo do qual se envolve partes integrantes de uma sociedade, ou seja, agentes múltiplos com interesses dos mais variados buscando uma maneira de construir uma sociedade por meio da educação. Hora, quem são esses agentes? São eles Estado, família e instituições privadas (*igreja*). A educação pelo Estado que chamamos de formal, visa educar o homem pelo processo de escolarização através de conteúdos e currículos escolares, a educação familiar consiste na educação informal, porém de grande importância para a inserção de sujeitos éticos e morais na sociedade, essa educação familiar se dar por meio da tradição, ou seja, de forma oral passando de pai para filho, a educação advinda da igreja ou religião aponta para uma formação de caráter metafísico que tem como proposta educar através dos valores religiosos promovendo o bem viver.

Dentro deste aspecto da educação, entendemos que ela aponta para a dimensão existencial dos homens, isto é, o seu modo de ser e estar no mundo, assim sendo, a educação é multidimensional, e encontrará na formação humana aspectos diferentes a serem trabalhados dependendo do contexto e necessidade; dito de outro modo, a educação pode ter a finalidade de atender uma demanda do Estado (*economia*), pode corresponder a um fenômeno cultural, ou modalidade do trabalho social (*o educador é um trabalhador*), no entanto, a pergunta a ser feita é, qual demanda a escola tem que atender quando se propõe a educar? Na medida em que estabelecemos uma educação com vista o homem e sua elevação cultural, afirmamos nosso compromisso com uma educação que tem a sua finalidade o sujeito e sua humanidade, aspectos econômicos serão de

segunda ordem, assim, somos fiéis à pedagogia de Nietzsche com relação à educação.

É dentro desta compreensão de educação que trabalhamos uma intervenção com fim o “melhoramento” da educação, a motivação principal da dissertação, é estabelecer uma prática pedagógico-metodológica de ensinar a filosofia no ambiente escolar. Desta maneira, indicamos uma educação filosófica que busca a promoção do educando e seu desenvolvimento intelectual, cultural e humano. Contudo, o caminho para tal empreendimento assenta-se numa educação estética promovida através do contato com a arte e obra ficcional (*literatura*). Para esse feito, recorreremos à filosofia nietzschiana como base teórico-filosófica, bem como suas contribuições pedagógicas ao ponto onde o filósofo explana toda uma crítica a educação com fim o acúmulo de conhecimento e estabelece como contraponto uma educação dos sentidos.

É com esse olhar, que propomos trabalhar o ensino de filosofia tendo como pano de fundo a experiência estética: obra de arte, música e literatura, reconhecendo evidentemente que o filósofo alemão reporta muito claramente a esse aspecto seus escritos. É característica da educação em nossos dias seu apego à racionalidade adquirida por meio de abstrações do pensamento, no entanto, nossa proposta foge deste tipo de abordagem educacional, e centra o olhar na experiência filosófica por meio sentidos: visão, audição e “percepção”.

Sendo assim, para o problema da supervalorização da educação com fim a “razão instrumental”, tão característico das nossas escolas e do modo de se ensinar a filosofia, propomos uma educação da sensibilidade. O espaço escolar, dentro e fora da sala de aula, torna-se o lugar da experiência ou da experimentação, pensar uma educação onde a vida tenha a possibilidade de criação e recriação por meio da sensibilidade e dos afetos constitui a nossa prática pedagógica, esse modo de pensar e fazer filosofia firma-se na relação entre a vida e arte. A proposta educativa de Nietzsche está fundamenta em um ensino que vivifica, portanto, toda educação deve projetar no homem o saber viver. Logo, diante disto, percebemos que o ensino de filosofia alcançará seu êxito em sala de aula na medida em que estes pressupostos da filosofia nietzschiana sobre educação forem abordados.

Diante do que foi dito, os objetivos gerais e específicos, são: Apresentar uma reflexão-crítica sobre o ensino da filosofia na escola a partir dos escritos de Nietzsche sobre educação, proporcionar uma educação dos sentidos por meio da arte e apresentar uma prática docente fundamentada na concepção nietzschiana de filosofia.

Nesta parte final recorreremos ao método fenomenológico, entendendo que seu objetivo é descrever os fenômenos analisados, sua finalidade enquanto metodologia é captar os fenômenos apresentados nas vivências dos sujeitos e na ação de cada estudante em sala de aula, a fenomenologia como procedimento metodológico tem por base a observação e verificação dos fatos assim como eles se manifestam no mundo físico.

3.2 – Aplicação metodológica.

Esta intervenção foi desenvolvida junto aos alunos da escola de referência, Maria Auxiliadora Liberato, Ensino Médio 1º módulo EJA Turma A - turno da noite, disciplina, filosofia.

De início, cabem aqui alguns indicativos importantes deste trabalho na escola, o primeiro deles: é com relação à metodologia, achamos por bem dividirmos os alunos participantes em três grupos com quatro alunos cada, desta maneira, tornamos o trabalho docente mais fácil de assimilação por parte dos alunos e a intervenção entre eles mais produtiva, o segundo, diz respeito ao processo avaliativo, onde os alunos ao final da intervenção serão submetidos, este processo corresponde há dois momentos específicos, o primeiro, que os educandos em um momento oportuno pudessem produzir um trabalho de caráter artístico: poema, música, pintura e entre outros, e ao final eles apresentassem na sala de aula ou me entregassem; o outro momento é uma avaliação da nossa proposta pedagógica de intervenção, que se dará por meio de questionário, desta maneira, teremos um retorno por parte dos educandos acerca do trabalho feito; o terceiro indicativo corresponde ao registro das atividades realizadas pelos alunos, como não temos autorização para divulgação de nomes, optamos

identificar os grupos por algarismo arábico (1,2 e 3), assim, preservamos a identidades dos educandos e conseqüentemente fica guardada a possibilidade de anexo de registro.

1° Momento: (*horizonte da compreensão e síntese do horizonte*), conhecendo “o mundo da arte”.

Aula primeira.

Tema: Arte uma representação da Natureza.

Conteúdo.

Abordamos de modo expositivo os principais conceitos da arte: arte como expressão do artista, arte como imitação do artista e arte como representação do mundo, trata-se de um conhecimento prévio do terreno que vamos fazer nossa caminhada.

Objetivo:

Expor um referencial teórico sobre a arte com a finalidade de se educar a sensibilidade.

Demonstrar a relação entre a arte e a vida e como ambas podem ser compreendidas como fruto da criatividade e sensibilidade.

Analisar o alcance da arte em nosso dia a dia, ou seja, de que maneira a nossa vida é afetada direta e indiretamente pela arte, como a arte pode ser uma grande aliada para compreensão das relações humanas.

Desenvolvimento:

Em termos práticos, fizemos uma exposição, tendo como conteúdo imagens de obras de arte do período clássico grego e outros. Abordamos a arte como um conjunto determinado de conhecimento, bem como, sua característica na formação de uma sociedade, especificamos sua utilização na explicação da origem do mundo e dos homens e sua influência no comportamento social.

Mostramos a fina relação entre arte e filosofia, destacando o papel importante de ambas na educação dos jovens atenienses. A arte na sua dimensão pedagógica busca uma formação cidadã dos alunos por meio da sensibilidade, enquanto a filosofia faz por meio da problematização dos conceitos, desta maneira, tornamos compreensível aos alunos o modo como a arte e a filosofia trabalham dentro dos currículos e conteúdos propostos na escola.

Em linhas gerais, provocamos os alunos a terem uma postura crítica diante da realidade e que a arte pode ser uma ferramenta importante neste processo. Em seguida, abrimos para o diálogo e fala dos alunos, provocamos a turma por meio de perguntas: o que é arte? Precisaram-se da arte para vida? Assim, foi possível observar a postura filosófica dos alunos por meio de suas falas e como a arte ajudou neste empreendimento.

Avaliação:

A avaliação aqui não segue seu conceito tradicional, (*atribuições de notas*), mas, da observação de como os educandos foram capazes de promover uma reflexão a partir do conteúdo trabalhado, ou seja, se nossa proposta pedagógica alcançou sua finalidade, a de promover uma reflexão filosófica por meio da sensibilidade. Fizemos anotações, verificamos se em seus raciocínios tinham elementos trabalhados na aula expositiva.

Recursos didáticos:

Utilizamos o uso de imagens por meio de Datashow, pincel e quadro na exposição oral para explicações dos conteúdos e conceitos abordados.

Aula segunda:

Tema: A arte como expressão do Artista.

Conteúdo:

Com um olhar voltado para nossa realidade, trabalhe a literatura de cordel como obra ficcional, mostrando aos alunos como essa forma de fazer arte é fruto de uma manifestação artística, e que tem nas relações humanas sua maior inspiração artística.

Objetivos:

Descrever a arte como uma necessidade humana de expressar suas angústias, felicidade, medo e dor entre outros.

Trabalhar a imaginação dos alunos por meio da literatura de cordel, promover um olhar crítico da realidade da região por meio dos contos.

Desenvolver a capacidade sensitiva, encontrar e dar sentido à existência por meio da narrativa cordelista, promover uma aprendizagem que permita aos educandos uma melhor compreensão da vida.

Desenvolvimento:

Por que o cordelista pode ser considerado em certo sentido um filósofo? Ambos carregam em si a criatividade, ironia, humor e sarcasmos. Dentro dessa relação filósofo e poeta, trabalhe a construção de um raciocínio que tem como pano de fundo, conceitos filosóficos presentes nos cordéis, tais como: medida, equilíbrio e proporção, esses conceitos foram muito bem trabalhados por Aristóteles (*A poética*).

Organizamos a aula para uma participação maior dos alunos, eles leram os poemas cordéis expuseram seu entendimento, relacionaram os poemas com a vida, compreenderam como os artistas fazem da arte um modo de enxergar a vida e mundo.

Por fim, destacamos como arte tem a capacidade de dar sentido à vida por meio de sua produção e “consumo”, tratamos a arte como uma ferramenta de julgamento necessário à vida, e a capacidade que a ela tem de nos tirar do mundo cercado por ambições materialista de caráter puramente econômico. Provocamos os educandos por meio de uma pergunta: por que os artistas fazem arte, qual a finalidade de sua ação?

Avaliação:

Observação da participação dos alunos, a postura crítica diante da provocação feita na sala, anotações de falas que demonstram o “domínio” e compreensão do conteúdo trabalhado na aula.

Recursos didáticos:

Utilizamos textos da literatura de cordel para leitura e diálogo entre alunos, quadro e lápis para exposição de alguns conceitos.

Aula Terceira.

Tema: Arte e identidade.

Objetivos:

Promover nos educandos a capacidade de percepção da vida por meio da sensibilidade, desenvolver a criatividade imaginativa que possibilita a construção de uma identidade.

Despertar nos alunos a curiosidade artística por meio da arte popular (*arte de barro de Vitalino*), entender como se dar a construção imaginativa de um povo e a afirmação indentitária em consonância com a produção artístico-cultural.

Estimular a prática da arte popular como forma de afirmação da vida, pensar as produções artístico-culturais e a sua consequência no mundo que nos cerca, despertar a curiosidade em conhecer melhor a produção artística da nossa cidade.

Desenvolvimento:

Uma das definições mais clássicas na filosofia é que o homem é um ser racional, negar essa afirmação é assinar um atestado de louco, as consequências desta afirmação conduziu todo esforço humano em perceber a realidade em nossa volta por meio de conceitos e abstrações da filosofia. Nesta

terceira aula, propomos uma compreensão da realidade por meio da arte de Vitalino.

A partir da arte de barro mostramos aos alunos como se dá à construção da identidade de um povo, como esta arte tornou conhecida a nossa região e cultural no Brasil e em outros países.

Relacionamos a arte de Vitalino com a arte grega, e a categoria que a arte popular é se enquadra, por meio da observação da arte de barro estimulamos a imaginação e percepção do mundo, conduzimos os alunos a entender a vida como produção artística e que precisa ganhar contornos há todos os instantes. Provocamos os educados por meio da pergunta: a obra de barro provoca em nós sentimentos, quais?

Avaliação:

Analisar a percepção dos alunos acerca da vida por meio da arte, a partir da arte de barro, reconhecer em suas falas uma compreensão da formação de uma identidade cultural regional. Identificar as possíveis imaginações na hora de construir um raciocínio argumentativo.

Recursos didáticos:

Utilizamos pequenas peças de arte de barro que caracterizam o nosso povo e a nossa regionalidade, também utilizamos lápis para, quadro e um texto biográfico que fala um pouco sobre a vida do mestre Vitalino.

2º Momento: (*consciência crítica-expositiva, pensar consigo e com o outro*), a partilha do sensível, construir uma experiência por meio da troca de saberes.

Aula primeira.

Tema: Arte como interação social.

Objetivos:

Oportunizar diálogos filosóficos por meio da arte e que possam produzir significado para com a vida dos alunos, promovendo assim, um despertar filosófico inerente em cada sujeito.

Propiciar um aprendizado por meio da relação (*escutar e contato*), que fomenta nos educandos uma construção de um bem viver com outro.

Incentivar uma conduta de respeito com o colega estimulando a criatividade por meio da interação, despertando um olhar de consideração para com a vida.

Desenvolvimento:

Colocamos um vídeo (*O tal folheto: entre o cordelista e o jornalista*) onde poetas cordelista são entrevistados e falam desta rica literatura para formação de um povo, como foi usado na informação e alfabetização décadas atrás.

Dividimos a turma em três grupos de quatro pessoas, de modo prévio, passamos para os alunos que pesquisassem e trouxessem para aula os poemas de cordéis; com a finalidade de socialização de saberes, os alunos deveriam demonstrar como estes poemas expressam uma sabedoria popular de vida e como a vida pode ser ressignificado por meio da arte popular.

Em seguida, os alunos foram convidados para socializarem com o restante da turma o que foi possível compreender sobre a vida e sua forma de ser, tendo como base, o poema de cordel.

Avaliação:

Analisar a capacidade humana de criar relações de confiança e saberes, tendo a arte como fundamento. Avaliar a possibilidade de estetização da existência pela produção artística, ou seja, se arte dar significado às relações humanas e apresenta a vida por novos horizontes.

Recurso didático:

Utilizamos Data Show para exibição do vídeo sobre os cordelistas, lápis e quadro.

3º Momento: (*validade e repercussão da intervenção*). Ponderação geral sobre as aulas.

Tema: A vida como obra de arte.

Objetivos:

Possibilitar uma experiência estética por meio da música regional de João do pífano.

Oportunizar diálogos filosóficos com os alunos sobre as aulas, quais foram suas percepções sobre os conteúdos trabalhados acerca da arte.

Percebe situações inusitadas nas falas dos alunos que possam servir de material para a conclusão do trabalho.

Desenvolvimento:

A atividade se iniciou com a música regional de João do pífano artista local, objetivamos provocar nos educandos uma percepção da arte advinda música. De modo prévio pedimos para os alunos que produzissem alguma atividade de caráter artritismo: poema, letra de música, alguma pintura ou de barro escultura. Ali, naquele momento seria a oportunidade de entrar essa atividade de caráter avaliativo.

Também sugerimos aos alunos que visitassem os museus da nossa cidade que registrassem sua experiência por meio de palavras, texto ou representações, pintura, isto seria um modo para a realização de atividade avaliativa.

Distribuímos entre os grupos um questionário com cinco perguntas sobre a metodologia e a proposta de uma educação por meio da arte, eles deveriam responder e entrar nesta aula final.

Avaliação:

Esta avaliação se deu com o objetivo de termos um retorno dos alunos sobre as aulas de caráter interventivo, aqui se configurou uma avaliação direta da participação dos alunos por meio de atividades em sala e fora de sala, isto se deu por meio de questionário e apresentação de trabalhos.

Recursos didáticos:

Utilizamos um pequeno equipamento de som para a escuta da música de João do pífano, lápis e quadro e fichas com questionários para os alunos responderem.

3.3 - Analisando a intervenção.

De início, temos a total compreensão que a nossa proposta pedagógica foi realizada sem muitas barreiras ou dificuldades, os alunos que participaram das atividades de intervenção foram sempre muito atenciosos com o conteúdo proposto e trabalhado. É importante ressaltar a participação efetiva dos educandos, pois os mesmos são alunos do *EJA* (Educação de Jovens e Adultos), isto já diz muito, trata-se de alunos que já passaram da idade regular da escola e mesmo assim, mostram esforço e dedicação para aprender sempre um pouco mais.

Como é possível averiguar em nossa aplicação metodológica, dedicamos três momentos importantes para efetivação desta intervenção, fizemos uma contextualização do universo da arte, propondo um percurso que tem seu início com uma exposição a um conhecimento prévio sobre a arte até o momento em que instigam os alunos a produzirem algo deste universo. Sobre o primeiro momento do qual chamamos de: *horizonte da compreensão e síntese do horizonte*. Foram dedicados três encontros para serem trabalhos uma educação filosófica fundamentada na experiência estética, ou seja, tendo como pressupostos elementos didáticos-metodológicos artísticos tais como, pintura, escultura, música e poesia.

A estética tem sua origem no grego *aisthesis*, e trás um significado de sentir, ela é a “ciência” que trata das sensações, da percepção; é com base nesta compreensão que conduzimos nossa intervenção, as aulas aplicadas sempre tiveram o objetivo de fazer com que os educados encontrassem na experiência estética um caminho para o espanto que é propriamente o caminho do filósofo. E não é de se surpreender, pois isto foi possível, vimos isto no trabalho em grupo, nas falas em sala de aulas, na exposição dos raciocínios sobre a natureza da filosofia e como a arte se relaciona com este conhecimento que tem na vida sua maior fonte de inspiração e reflexão. Como dito por um aluno: “**professor esses quadros mostram para nós como o artista conseguia ver beleza nas coisas**”; sobre a beleza diz Nunes: (2008, p. 18) “[...] a beleza dos elementos puros repousa na sua adequação aos sentidos, sobretudo a vista e ao ouvido”, nesta afirmação temos o entendimento que o aluno teve uma experiência estética por meio da pintura, vejamos outra afirmação de um aluno que disse, “**esses quadros parecem expressar algum sentimento, seria este sentimento o do próprio pintor**”?

A natureza da arte é sempre despertar em nós sentimentos que nos levam a uma experiência de encantamento pelo mundo da vida, “[...] a arte torna suportável a visão da vida, colocando sobre ela o véu do pensamento”, (ibidem, 2012, p. 109). Fundamentado nesta ideia, que em nossas aulas procuramos abordar aspectos da produção artística regional, na intenção de fazer com que os alunos percebessem a importância da arte na formação de uma identidade e na construção de uma sociedade. Se o pensar é uma atividade intelectual, racional, entendendo desta maneira que o pensamento é algo abstrato, por sua vez, o sentir é uma atividade da percepção dos objetos postos a nós, portanto o sentir é a captação do mundo por meio da sensibilidade. Por muitas vezes, os cordelistas e ceramistas fizeram seus trabalhos artísticos embasados nesta compreensão estética, eles sentiam, percebiam a realidade e expressam sua arte de forma autêntica e profunda.

O primeiro momento da intervenção seguiu, portanto, essa sequência: arte clássica, arte popular cordelista e ceramistas. Com a primeira compreensão de arte, expusemos as definições da arte que encontramos na *Poética* de

Aristóteles, “[...] na *Poética*, que as representações imitativas da poesia, cujo meio de expressão é a palavra, têm por objetivo retratar homens em ação”, (2008, p. 28). Na segunda, a arte popular de cordel como a necessidade humana de manifestar suas emoções e seus sentimentos. Evidenciamos a literatura cordelista como uma ferramenta de compreensão do mundo e manifestação de uma crítica social, mais ainda, como uma expressão da sensibilidade e encantamento da vida. Com a arte ceramista (*os bonecos de barro*), enfatizamos a criatividade artística e a importância da arte local, demonstramos como a arte produz um conhecimento a cerca de um povo e como este povo também se torna conhecido pela sua arte, como ela é consumo, porém, ela alimenta o espírito humano.

Com relação ao primeiro momento, nossa avaliação é positiva, pois, percebemos que as aulas despertaram nos educandos uma curiosidade para o conhecimento, eles se sentiram a vontade e confiantes em expressar suas ideias e pensamentos. Fizeram pontuações precisas, colocações interessantes, **“o poema de cordel me fez lembrar a infância, sempre meu pai ouvia eles no rádio, hoje eles me fazem pensar como a vida passa rápido”**. A brevidade da vida é um tema filosófico de grande profundidade, esta percepção se deu para com um aluno por meio de um poema, em outra ocasião disse o aluno, **“vejo esse quadro como uma fala, sinto que ele está a me dizer algo”**, sim, é possível que os objetos artísticos nos comuniquem algo, porém, não é com a razão que ele se comunica, mas com sensibilidade, eles impulsionam nossa imaginação, e com a imaginação recriamos a nossa visão de mundo.

Vimos que as questões advindas por meio da arte suscitaram discussões importantes, debates a colorados; percebemos que os alunos se puseram a expressar suas ideias, a fazerem indagações, ouvimos falas como: **“a arte sempre pareceu coisa de gente rica”**, essa indignação por parte do aluno, mostra para nós em certo sentido, que arte ainda está muito distante da população das classes baixas, mostra também, para nós que a sua fala é referida a arte clássica que é vista apenas pela TV, evidencia também, que arte popular ceramista e cordelistas são apenas fabricação de objetos para venda, outro aluno conta, **“sempre quis ir a um museu com aqueles quadros caríssimos,**

mas não tem aqui", este mesmo aluno confessa que a aula foi muita rica em detalhes e que ele conheceu melhor a finalidade da obra. A experiência estética tem a capacidade de proporcionar momentos de reflexão e crítica, algo que muitas vezes esperamos apenas de texto filosófico, neste primeiro momento, ficou claro para os alunos que há possibilidade de termos uma experiência filosófica advinda de objetos artísticos, encontramos nas representações em tela ou cerâmicas, música e poesia algo que nos levam a uma problematização da vida, ou seja, sentir é filósofo.

Assim, se deu os três primeiros encontros do primeiro momento da nossa proposta de intervenção. Contudo, houve também algumas dificuldades que serão relatados na hora oportuna desta breve apreciação da intervenção.

Dando continuidade a nossa análise, o segundo momento que titulamos: *consciência crítica-expositiva, pensar consigo e com o outro*, objetivou trabalhar uma experiência por meio da troca de saberes, dito de outra maneira, propiciar aos educandos a oportunidade de expressarem em conformidade com arte de cordel. Realizamos uma breve explicação do conteúdo e em seguida propomos para os alunos que participassem com suas apreciações acerca de temas advindas da arte, embora a timidez pudesse ter desencorajado alguns dos alunos os demais foram ávidos em se expressarem, o poeta Bráulio Bessa foi mais lido, talvez por sua referência em programa televisivo, de iniciou o aluno leu:

A essência de um homem de verdade,
vem do pai para formar um cidadão,
vem da mãe para lhe dar educação,
e um menino vira homem caráter.
Macho véi, com muita sinceridade,
Eu lhe digo que aqui no meu sertão,
caráter e honestidade são coisas de criação,
tem família que sofre com sede e fome,
sem dinheiro, sem luxo e sem "sobrenome",
12 filhos e nem um vira ladrão.
(Bráulio Bessa).

Como alguém tomado pelo entusiasmo, se pôs a falar, “**na escola aprendemos, português, matemática e outras matérias, mas educação para ser um homem de verdade, vem de casa**”, hora, para ser “homem” tem que ter educação, isto nós educadores defendemos nem qualquer ressalva, foi desta maneira que se deu a partilha dos saberes entre os alunos, cada um se expressava de forma a contribuir com o tema, “**quem disse que ser desonesto é coisa de gente pobre**”? Sim isto é verdade, “**olhem para os nossos políticos muitos têm dinheiros e mesmo assim continua roubando o dinheiro do povo**”. Quantos temas e reflexões pode haver em um pequeno poema de cordel, a proposta em trocar conhecimento, ouvir os colegas e serem ouvidos teve seu êxito, proporcionar para os alunos a possibilidade de se perceberem e perceber outro se deu numa proposta pedagógica que estabeleceu na partilha do sensível sua porta de entrada, sua percepção do mundo fundamento em um poema de cordel.

Este segundo momento, foi por nós entendido e trabalhado com a finalidade de construção de uma consciência advinda da arte cordelista, os educandos deveriam perceber nesta arte popular uma criatividade imaginativa que leva-nos a percepção da realidade, o poema de cordel é rico em seu texto e traz característica de uma experiência de vida marcada pela dor, sofrimento e alegrias entre tantos os temas da nossa existência, nas palavras de Nietzsche: (ibidem, 2012, p. 108),

[...] os poetas tornando a vida mais leve- na medida em que também querem aliviar a vida dos homens, os poetas desviam o olhar do árduo presente ou, como uma luz que fazem irradiar do passado, proporcionam novas cores ao presente.

Analisamos a postura dos alunos em perceber certas nuances de sua realidade por meio da arte de cordel, isto foi possível, pois, à poesia retira o véu que cobre o nossos olhos e entendimento, julgamos satisfatório a proposta pedagógica e a metodologia abraçada por nós, textos de filósofos são literaturas específicas para problematização da realidade, contudo, a riqueza da obra ficcional é surpreendente quando trabalhada de forma intencional na busca de uma compreensão de mundo e na postura filosofante diante dos fatos do cotidiano. Vimos que os alunos entenderam o sentido da arte popular e de como ela faz parte da vida do homem desde tempos antigos, na compreensão de Nietzsche a arte é, “[...] antes de mais nada, como espelho musical do mundo, como melodia primigênia” (2012, p. 45), eles também perceberam que arte é feita na intenção de provocar em nós sentimentos de pertença, emoções e inquietações de várias naturezas sobre o mundo.

A vida como obra de arte, esse foi o tema da aula do terceiro momento que demos o título de: *validade e repercussão da intervenção*, aqui estabelecemos como ponto central da aula a participação dos alunos com as sugestões por nós passadas, foram sugeridos aos alunos que trouxessem algum trabalho individual de caráter artístico e nos entregassem, aconselhamos também, visitas a museus da cidade e feira de artesanato, na intenção de um melhor conhecimento da produção artístico local, pedimos que fizessem uma pequena entrevista com cordelista, ceramista ou músico acerca da sua produção artística e sua compreensão da vida por meio da arte e que registrassem por meio de texto, fizemos também um pequeno questionário com cinco perguntas sobre nossas aulas e o conteúdo por nós trabalhados, as perguntas foram:

- Como você define a arte?
- A arte tem alguma relação com a vida, qual?
- Como podemos definir um artista?
- Qual o propósito de uma obra de arte?
- Qual é a fonte de inspiração do artista?

Esse terceiro momento mostrou-se muito rico em seus detalhes, no início vimos um pouco do trabalho musical de João do pífano, poucos alunos sabiam da existência deste artista e da banda de pífano de Caruaru, que foi ganhadora do Grammy Latino em 2004, na categoria de melhor grupo regional de raiz e o prêmio Tim da música Brasileira em 2005, na categoria de melhor música regional, onde era levando em conta a produção dos próprios instrumentos e música autoral. Por meio da música oportunizamos aos alunos uma experiência estética, conduzimos os educandos a perceberem como há beleza na música local e como a criatividade e imaginação são fruto de uma vida em contato com arte.

Na leitura feita da obra de Nietzsche, encontramos uma afirmação, deixamos de ser artista e viramos obra de arte, ficamos a pensar de que maneira a vida é uma obra de arte, nesta reflexão proposta pelo filósofo alemão, temos a compreensão de que a vida é feita de imaginação e criatividade como é a obra de arte, que ela pode ser pintada, recriada e posta para contemplação, nós devemos nos desatar das amarras de uma vida sem cores, e se pôr como um artista em um palco, como alguém capaz de dar sentido ao mundo, como fazem os artistas. Vimos neste terceiro encontro que arte é uma necessidade humana, portanto, depende da ação humana, como nesta afirmação de Nunes: (2008, p. 26), “[...] os produtos da arte, decorrentes da atividade (*práxis*) são contingentes, dependentes de nós para existir”, esta afirmação se fez presente nas falas dos alunos, “**a arte existe porque nós existimos**”, contudo, ela é capaz de dar sentido a nossa vida, caracterizando uma relação inseparável, um casamento sem divórcio, nas palavras de Nietzsche, (ibidem, 2012, p.110), “[...] os efeitos mais poderosos da arte - dobrar almas, mover pedras, humanizar animais”, outro aluno expressou: “**embora não percebamos a arte sempre está presente em nossa vida, veja a música, todos os dias nós ouvimos músicas e nos emocionamos com sua letra**”.

Como foi proposto na aula, aplicamos um questionário com cinco perguntas que envolvia os temas das aulas de nossa intervenção, queríamos um retorno por parte dos alunos acerca do conteúdo e da metodologia trabalhada, as respostas foram positivas com relação a nossa proposta de trabalhos, a

primeira pergunta foi *Como você define a arte?* O grupo 1º, respondeu da seguinte forma: **“a arte é maneira que os homens mostram a beleza da vida”**, o 2º grupo disse, **“a arte é comunicação, é dizer as coisas belas da vida”**, o 3º grupo disse, **“a arte é a vida em telas e cores”**. Nesta primeira questão temos respostas que relacionam a arte como uma maneira de ver a vida e dar sentido a ela, como expressão e comunicação, como percepção da realidade, nossa segunda questão foi; *A arte tem alguma relação com a vida, qual?* No geral as respostas foram parecidas, o 1º grupo respondeu, **“a arte se relaciona com a vida por que ela dá sentido à vida”**, o grupo 2º, **“arte se relaciona com a vida na sua maneira criativa de ser”**, o terceiro disse, **“a relação da arte com a vida se dá por meio da criatividade que ambas possuem”**, existe de fato uma fina relação da arte com a vida, podemos afirmar sem medo de errar que a arte justifica a vida e a vida justifica a arte.

Não há de nossa parte nenhuma ponderação as estas respostas dos alunos, a não ser positiva, embora existam dificuldades conceituais com relação há um domínio de um campo filosófico, mas nossa ação é possibilitar aos educandos uma resposta de forma espontânea, autêntica e simples, sempre temos algo a dizer e isto nem sempre é acompanhado de conceituações filosóficas. A finalidade de nossa intervenção encontra seu resultado na medida em que possibilita nos alunos uma reflexão vinda da própria realidade. Dando continuidade às questões, a terceira pergunta foi, *Como podemos definir um artista?* O 1º grupo respondeu, **“sujeito capaz de dar sentido a própria vida e a vida dos outros por meio de sua arte”**, o 2º grupo respondeu, **“o artista é aquele que carrega dentro de si o dom de criar histórias e representá-las”**, o grupo 3º disse, **“o artista é aquele que faz da arte um modo de trabalho e sustento”**. Não muito distantes da nossa compreensão enquanto os papéis do artista, assim, se deram às colocações dos educandos sobre atuação deste artista, que no período clássico da filosofia era tido como alguém entusiasmado, ou seja, tomado por uma “divindade” do qual a história da humanidade era deposita e em seguida revelada.

A interpretação é uma atividade que permite até certo ponto refazemos a experiência do autor, desta feita, temos em nossas mãos a possibilidade de

recriação do texto, a arte é um “texto” a ser lido, só que, sua leitura e releitura sã por meio do aparato da sensibilidade, a nossa imaginação nos conduzirá uma miríade de novas interpretações da obra de arte. Foi com essa reflexão que lançamos nossa quarta questão aos alunos, *Qual o propósito da uma obra de arte?* O grupo 1º respondeu, **“ela tem o propósito de ensinar, de chamar a nossa atenção para alguma coisa importante, de nos tirar de um mundo corrido sem saber o que quer”**, já o 2º respondeu, **“é ser um caminho diferente de conhecimento, de ser lente para enxergar o mundo a nossa volta”**, o grupo 3º disse, **“fazer com que nós possamos encontrar uma alternativa da nossa vida, seu propósito e de mexer com nossa imaginação e essa imaginação mexe com nossa vida”**. Nietzsche é enfático ao afirmar que a existência do mundo só pode ser justificada como fenômeno estético⁴¹, a vida o nosso modo de ser e está no mundo se torna leva em contanto com arte.

Uma pergunta que sempre conduziu o homem a uma profunda reflexão foi, o que é a vida? As respostas são múltiplas, ela vem da ciência, religião, filosofia e até do senso comum, e ainda assim, não se dar por definitivo, em Nietzsche essa pergunta teve sua resposta fundamenta no conceito de vontade de potência, a vida é vontade criadora, é a capacidade de “criar” vida a partir da vida. No ensejo desta reflexão que lançamos nossa quinta e última pergunta para nossos educandos, *Qual é a fonte de inspiração do artista?* O grupo 1º disse, **“os grandes acontecimentos da vida do artista e também os grandes acontecimentos da história do homem são fontes ricas de inspiração artística”**, o grupo 2º deu a seguinte resposta, **“a vida em sua mais pura forma, em sua maneira mais plena é alimento para alma do artista”**, o 3º grupo respondeu, **“sem dúvida alguma a vida é fonte inspiração, as relações humanas, os acontecimentos, os sentimentos, dor, medo, alegria, esperança tudo isso é fonte de inspiração para o artista”**, parecia bastante óbvio para todos nós que a vida é fonte de inspiração. É neste sentido que Nietzsche se esforçou para mostra a decadência do pensamento moderno, isto é, seu distanciamento da vida, sua abstração em mundo outros que retirou de

⁴¹ Aforisma 107 de A gaia Ciência.

nós o encantamento da vida terrena; é justamente nesta relação entre filosofia e arte que temos a possibilidade de retorno a nós mesmo.

Bom, aqui apresentamos a análise da nossa intervenção, seu desenvolvimento, efetivações e as observações que julgamos importante registrar. Agora, em poucas palavras descreveremos algumas dificuldades com relação a nossa intervenção. De início, tivemos dificuldade com relação ao período da aula (*noturno*) e horário da aula e, nossos encontros se davam apenas uma vez na semana, no horário de aula de apenas cinquenta minutos, devido a isso, o desenvolvimento da intervenção por algumas vezes não foi possível dar uma sequências, a segunda dificuldade foi de natureza de calendário onde alguns feriados caíram no dia da nossa aula, essas dificuldade exigiram de nós uma presa para adiantar os conteúdos da grade curricular, comprometendo algumas vezes o adiantamento da nossa intervenção.

Como dito já anteriormente, nossa turma é de *EJA*, esse alunado é diferente de outros do nosso ensino médio, pois, além de estudarem no período noturno, durante o período diurno eles trabalham, por causa dessa dupla jornada, (*estudo e trabalho*) nossa intervenção ficou resumida ao espaço da sala de aula, como também os processos avaliativos. Com isto, concluímos que experienciar outra turma em um horário diferente poderia mostrar resultados outros daqueles que registramos. Como o tempo corre contra, não foi possível tal tarefa, portanto, estas observações serão de anotações póstumas em diários de aulas, com a esperança de publicação em algum periódico.

Considerações finais.

Pois bem, a princípio abrimos nossa fala nesta reta final com uma provocação feita por Deleuze acerca da influência de Nietzsche nos jovens leitores de sua obra.

Se perguntarmos o que e ou que vem a ser Nietzsche hoje em dia, sabemos muito bem a quem é preciso se dirigir. É preciso se dirigir aos jovens, que estão lendo Nietzsche, que estão descobrindo Nietzsche. Quanto a nós, já somos muito velhos na maioria aqui. O que é que um jovem descobre atualmente em Nietzsche, que certamente não é aquilo que minha geração descobriu nele, que certamente não era aquilo que as gerações precedentes tinham descoberto? Como é que acontece que jovens músicos de hoje sintam-se ligados a Nietzsche naquilo que fazem, embora não façam absolutamente uma música nietzschiana no sentido em que Nietzsche a fazia? Como é que ocorre que jovens pintores, jovens cineastas sintam-se ligados a Nietzsche? O que acontece, ou seja, como é que eles recebem Nietzsche? A rigor, tudo o que se pode explicar, olhando de fora, e de que maneira Nietzsche exigiu para si mesmo e para seus leitores, contemporâneos e futuros, um certo direito ao contra-senso. Não um direito qualquer, alias, porque ele tem suas regras secretas, mas um certo direito ao contra-senso a respeito do qual eu gostaria de me explicar logo mais, e que faz com que não se trate de comentar Nietzsche como se comenta Descartes, Hegel!. Eu digo a mim mesmo: quem é hoje em dia o jovem nietzschiano? Será aquele que prepara um trabalho sobre Nietzsche? É possível. Ou bem será aquele que, voluntária ou involuntariamente, pouco importa, produz enunciados particularmente nietzschianos no decorrer de uma ação, de uma paixão, de uma experiência? Isto também acontece. Pelo que conheço um dos textos recentes mais belos, mais profundamente nietzschianos, e o texto em que Richard Deshayes escreve: "Viver, não é sobreviver", exatamente antes de receber uma granada durante uma manifestação. Talvez os dois casos não se excluam. Talvez se possa escrever sobre Nietzsche e depois produzir, no decorrer da experiência, enunciados nietzschianos. (DELEUZE, 1985, p. 56-7).

O que fazem os jovens leitores de Nietzsche, assim como eu? Essa é a questão levantada por Deleuze, que por nós é respondida no esforço de

encontrar na filosofia de Nietzsche uma “teoria” ou uma sistematização filosófica que possa embarcar nossa prática pedagógica, com isto queremos dizer que, procuramos em Nietzsche assim como outros procuram em Platão, Kant, Hegel e tantos outros pensadores da história da filosofia um modelo filosófico a ser seguido. Como dito por Deleuze talvez se possa escrever sobre Nietzsche para em seguida produzir enunciados nietzscheano, sim, isto é o que confere nossa dissertação, tomar o pensamento de Nietzsche como uma crítica a educação e consequentemente educar sob um “ideal” filosófico nietzschiano.

O que podemos dizer de nossa tentativa educacional sob a ótica nietzschiana? Dizemos, assim como dizem outros trabalhos, que nossa tentativa apresentou-se como ensaio e reflexão em torno da obra de um pensador, e que é possível conferir avanços em nossa caminhada, assim como Nietzsche fez de sua vida um experimento, registrado no *prólogo* de *A gaia ciência*, “[...] num homem são as deficiências que filosofam, no outro, as riquezas e forças”, (2012, p. 10), também nosso esforço abre-se nessa direção, de um experimento, não por riqueza ou força, mas por dificuldade e deficiências, dito de outro modo, foram as inúmeras dificuldade da vida docente que nos levou a pensar novos modelos, “paradigmas” para a ação docente.

A modo de resumo de nosso caminho percorrido no processo dessa investigação teve como prerrogativa explicitar as justificativas nietzscheana a uma crítica a educação de sua época da qual encontramos ecos profundos na educação local, principalmente no modelo pedagógico e na metodologia apresentada em livros didáticos. Desta feita, cabe-nos agora, apresentar de modo claro e sucinto as devidas conclusões deste estudo, apresentando os conceitos principais da crítica nietzschiana à educação e consequentemente nossa tentativa de intervenção como resposta a uma prática vigente em nossas escolas.

De início, nosso estudo apresentou o caminho tomado pela filosofia ocidental que foi sob a tutela do pensamento platônico, encontramos na obra do discípulo de Sócrates um esforço de garimpar um maior espaço para seu pensamento, desta tentativa, tomou a tradição mítica e os sofistas como desafetos. O racionalismo como apresentada por Platão do qual a modernidade

foi herdeira, exprimiu uma experiência filosófica sob ótica de uma abstração do pensamento, levando a filosofia ao campo da conceituação das ideias apresentadas, desta feita, tornou o racionalismo a corrente filosófica de maior expressividade. Nietzsche viu na filosofia platônica e nesse empreendimento filosófico um mal a ser combatido, já em sua primeira obra *O nascimento da tragédia*, faz duras críticas a dialética socrática e exalta poetas como *Homero* e *Arquíloco*, como nesta fala, “[...] como progenitores e porta-archotes da poesia grega *Homero* e *Arquíloco*, com o sentimento seguro de que somente estes dois devem ser considerados como **naturezas inteiramente originais**”, (ibidem, 2012, p. 40). A originalidade é um traço marcante da poesia grega e que, por meio dela há uma forma independente de compreensão da vida e da maneira de vivê-la. O empenho de Nietzsche consiste em exprimir uma filosofia que tem como eixo a estetização da vida.

Após apresentamos o racionalismo platônico, demonstramos a necessidade de um retorno a esse período dos poetas gregos, na tentativa de encontrar, ou melhor, de reviver essa forma de experienciar o mundo por meio da arte, Nietzsche faz esse convite ao retorno a arte trágica como o antídoto ao racionalismo instaurado no pensamento ocidental. Nosso esforço se deu na direção de responder essa questão. Nossa defesa é que, um retorno a arte trágica apresenta-se como caminho filosófico, como uma resposta a esse reducionismo do exercício do filosofar, hora, porque uma educação estética? Por que temos mais uma possibilidade de abertura em direção ao conhecimento, ao espanto filosófico.

Essa exigência gira em torno da nossa tarefa pedagógica, de encontrar um modelo de ação docente que não fique tão refém do racionalismo, com isto não inserimos uma crença demasiada a experiência estética, nem reconhecemos como inútil o racionalismo filosófico de nossa tradição, não se trata disso, trata-se de possibilitar uma experiência de educação que tenha na arte um modo ímpar de conhecimento e compreensão da realidade. Nosso estudo foi o de reclamar um espaço para uma prática educacional tendo como pano de fundo a estatização dos conteúdos escolares, da postura docente e de uma releitura do próprio conteúdo filosófico.

O segundo passo importante do nosso estudo foi, apresentar uma compreensão da filosofia de Nietzsche e a partir dessa compreensão capturar um modelo de educação filosófica, encontramos na filosofia de Nietzsche um convite para uma vida significativa aos pés da filosofia e da arte. A filosofia nietzscheana apresentou-se como uma filosofia “marginal”, correndo contra os sistemas filosóficos vigentes, seu pensamento mostrou um horizonte de novas experiências no mundo da vida, a todo custo procurou uma maneira de recriação e elevação do homem por meio de uma educação assentada na arte clássica, a educação tinha como dever a promoção do homem e a elevação da cultura a um patamar de respeito e destaque. Lutou contra as “cabeças cheias” das universidades, os *filisteus da cultura*, as enciclopédias ambulantes, que abarrotados de conhecimentos do passado não conseguiam ter uma relação de profundidade com a vida presente. Conduziu uma reflexão sobre a finalidade da educação nos centros educacionais, apontando os reais motivos de sua decadência, tais como: seu apego a uma formação panfletária, jornalística inteiramente superficial, a preocupação de formar pessoas para corresponder às expectativas econômicas e bom funcionamento estatal.

O terceiro momento do nosso estudo considerou estabeleceu uma prática docente fundamentada numa visão nietzscheana de filosofia, nossa metodologia-didática teve como objetivo promover uma visão filosófica de mundo a partir da obra de arte, em vez de textos da tradicional de filosofia utilizamos imagens de períodos importantes da filosofia e da história do homem, poesia de cordel, arte ceramista e a música da banda de pífano e objetos da arte popular local, com elas estabelecemos reflexões sobre a vida e a visão artística de mundo, discutimos sobre nossa condição e de como arte se constitui como criadora de sentido da nossa existência.

Disso tudo, qual é o aprendizado, quais as implicações para nossa jornada docente? Apresentou-se para nós que do ponto de vista de uma teoria, ou seja, de uma discussão de pensamentos entre correntes filosóficas que é possível estabelecemos uma linha divisória entre o racional e sensível. Assim, se estabelecem as disciplinas nos cursos de formação docentes em filosofia, assim, são as correntes racionalista e estética como disciplinas filosóficas, contudo, do

ponto de vista de uma prática docente, ambas se fazem presentes, não é possível separá-las, pelo menos em nossa compreensão, não temos como dizer este é o momento de aprendermos com a razão e outro momento é de aprendermos por meio da sensibilidade, isso não foi possível.

Entendemos que não dá para fazer qualquer substituição ou troca de um modelo para implementação de outro, em nossas atividades com os alunos, vários momentos se fizeram necessários obtermos uma explicação do ponto de conceitual do nosso conteúdo, ou seja, se fez obrigatório recorrer à tradição racionalista para uma melhor compreensão da atividade. Com isto, queremos dizer que, inaugurar uma metodologia puramente estética sem a participação da racionalidade não é factível, portanto, estamos tão presos a racionalidade como qualquer outro momento de nossa caminhada.

Nossa justificativa a metodologia trabalhada é que, podemos potencializar uma docência com a finalidade a uma percepção filosófica por meio da experiência estética, podemos abrir novas fronteiras para o saber, enxergar horizontes de aprendizagem advindos de uma metodologia que tem na ponta uma abordagem estética, dinâmica e criativa. Imputamos como verdadeiro que a arte é o meio pelo qual nós pensamos com coração, que conhecemos pelos sentidos que filosofamos com a imaginação, música e com poema, foi com a observação e escuta que promovemos e impulsionamos uma experiência filosófica, uma consciência crítica da nossa realidade. Com isso, defendemos a necessidade de uma educação dos sentidos, de educarmos os nossos alunos a perceberem a beleza da vida, defendemos uma docência que tenha na sua ação uma abertura para educação estética do homem.

Nosso estudo mostrou como a obra ficcional (*literatura*) pode ser uma grande aliada no processo da ação docente, vimos na estrutura do texto de certos poemas uma dinâmica para o filosofar, uma construção linguística que denota a essência de ideias filosófica. Percebemos que há um lugar para obra ficcional nas aulas de filosofia como um texto capaz de conduzir a uma problematização do pensamento, a literatura se tornou o lugar do descobrimento da filosofia do reencontro com o conhecimento, embora até certo ponto,

desprovido de intencionalidade e sistematização, mas voltado para aspectos da condição humana.

A obra ficcional tornou-se o lugar do “preceptos”, isto é, do conceito não formulado, dito, porém, ainda não problematizado, desta maneira funcionando não como um argumento definitivo sobre uma determinada ideia, mas como processo, enquanto uma abertura para o não pensado, se estabelecendo desta maneira como uma fronteira clara da qual a filosofia também percorre.

Assim sendo, concluo esse estudo afirmando que a experiência estética advindas da arte (pinturas, escultura, música e literatura) são instrumentos potencializadores de uma reflexão filosófica contundente e que podem ser úteis em nossa prática docente, afirmamos também a impossibilidade de qualquer troca ou substituição de alguma tradição filosófica em nossa prática, entendemos que racionalismo, empirismo, estética entre outras se configuram como áreas distintas do conhecimento que são complementares e necessárias ao aprendizado. Desta feita, nossa dissertação se presta na tarefa de encontrar uma metodologia que atribuísse um valor maior a estética como caminho para o filosofar.

REFERÊNCIAS.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANSELL, Pearson Keith. **Nietzsche como pensador político: uma introdução**. Trad. Mauro Gama, Claudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

APOLINARIO, Jose Antônio Feitosa. **O olhar nietzschiano sobre a crítica e a fundamentação moral de Kant**. Recife, 2005.

ARISTÓTELES. **Vida e obra**. São Paulo: nova cultura.

BARROS, Fernando R. de Moraes. **Estética filosófica para o ensino médio**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **Nietzsche Educador**. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 1993.

FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 4. Ed. São Paulo: Moraes. 1980.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O ensino da filosofia no Limiar da contemporaneidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

GILLES, Deleuze. **Pensamento nômade**. In: Marton, Scarlet (org). *Nietzsche Hoje*. São Paulo. 1985.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. 10. Ed – São Paulo: FTD, 1994.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à filosofia**. Trad. Marcos Antônio Casa Nova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Que é isto a filosofia?** Trad. Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Tradução de João V. G. Cuter. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de babel**. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e verdade**. São Paulo: paz e Terra, 1999.

MATOS, Junot Cornélio. **Dialogação: filosofia da educação**. 1. Ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

NAFFAH, Alfredo Neto. **Nietzsche: a vida como valor maior**. São Paulo: FTD, 1996.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Ática, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**; Trad.

REALE, Giovane. **História da filosofia: antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus. 1990.

Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Editora 34, 2009.

SOUSA, Mauro Araújo. **Nietzsche: viver intensamente torna-se o que se é**. São Paulo, Paulus, 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

PLATÃO. **A República**. Trad. Carlos Alberto Nunes – 3. Ed. Belém : EDUFPA, 2000.

TEIXEIRA, Evilázio. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

OBRAS DE FRIEDRICH NIETZSCHE.

FRIEDRICH, Nietzsche. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza – 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** Trad. Mário Ferreira dos Santos – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Ecce homo: Como alguém se torna o que é.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo; Companhia das Letras, 2011.

_____. **Escritos sobre educação.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2003.

_____. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **O nascimento da tragédia: ou Helenismo e Pessimismo.** Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Sobre a utilidade e a desvantagem da história para vida.** Trad. André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2012.

